



INSTITUTO POLITÉCNICO DE BRAGANÇA Escola Superior de Educação

Prática de Ensino Supervisionada em Ensino De Educação Musical no Ensino Básico

Sara Marlene Valadares Cruz

*Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação de Bragança para a obtenção
de Grau de Mestre em Ensino da Educação Musical no Ensino Básico*

Orientado por
Dr. Ricardo Nuno Chéu Figueira Líbano

Bragança
Agosto 2014

Prática de Ensino Supervisionada em Ensino De Educação Musical no Ensino Básico

Sara Marlene Valadares Cruz

*Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação de Bragança para a obtenção
de Grau de Mestre em Ensino da Educação Musical no Ensino Básico*

Orientado por
Dr. Ricardo Nuno Chéu Figueira Líbano

Bragança
Agosto 2014

Dedico este trabalho a todas a pessoas que nele estiveram implicadas, e me incentivaram, fazendo que fosse possível a finalização deste. Principalmente a minha Mãe e ao meu irmão Luís Filipe, por tudo e pela paciência nestes últimos anos.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço ao professor Chéu, por todo o apoio, ajuda e orientação nestes últimos meses.

À minha amiga, não de sempre mas para sempre, Ângela.

A Amélia Rua, por toda a disponibilidade que sempre apresentou em ajudar.

Ao professor de estágio, Luís Neves, de 1º ciclo.

Ao professor de estágio, Artur Fernandes, de 2º e 3º ciclo.

À professora Maria Isabel de Castro, pelo auxílio e supervisão durante a minha Prática de Ensino Supervisionada.

À professora de Sociologia, Maria Lopes de Azevedo, pela disposição em ajudar.

E, a todos que nele fizeram parte, pois foi uma batalha dura, mas vencida.

Muito Obrigada!

Índice

Agradecimentos	iv
Resumo.....	vii
Lista de abreviaturas, siglas e símbolos.....	ix
Índice de tabelas	x
Índice de Figuras.....	xi
Índice de Imagens	xii
Lista de anexos	xiii
Introdução.....	1
CAPÍTULO 1	3
1- Quadro Conceptual.....	3
1.1 Música e a Necessidades Educativas Especiais.....	3
2- A inclusão e as Necessidades Educativas Especiais	11
2.1 A Inclusão.....	11
2.2 Necessidades Educativas Especiais	13
CAPÍTULO 2	16
3- Experiências da Prática de Ensino Supervisionada no 1.º ciclo do EB.....	16
3.1 Introdução.....	16
3.2 Caracterização do contexto.....	17
3.3 A Sala	19
3.4 A Turma	20
3.5 Descrição das experiências letivas.....	21
4. Experiências da Prática de Ensino Supervisionada no 2º e 3.º ciclo do Ensino Básico	29
4.1 Caracterização do contexto	29
4.2 Caracterização da Escola e Meio envolvente.....	30
4.3 Caracterização da Sala	31
4.3 Introdução	33
4.4 Caracterização da turma do 2º ciclo do EB.....	34
4.4.1 Descrição das experiências letivas	35
5. Experiências da Prática de Ensino Supervisionada no 3º ciclo do EB	40

5.1 Caracterização da turma.....	40
5.1.1 Alunos com Necessidades Educativas Especiais.....	41
5.2 Descrição das experiências letivas	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
BIBLIOGRAFIA	50
WEB-GRAFIA	54
<i>ANEXOS</i>	55

Resumo

O presente relatório de estágio, está inserido na minha Prática de Ensino Supervisionada, pretende evidenciar todo o trabalho e experiências obtidas nos três ciclos do Ensino Básico e ainda, a reflexão acerca da problemática decorrida durante a minha PES.

Devido às especificidades das turmas de estágio de 1º e 3º Ciclos, nomeadamente alunos com Necessidade Educativas Especiais (NEE), procurei encontrar a melhor metodologia a utilizar nas aulas. Após a revisão da literatura e adequação dos autores mais relevantes decidi que a musicoterapia seria o caminho mais indicado a seguir. Para a recolha de dados, recorri à observação direta e ao registo de notas de campo.

O objetivo principal da minha PES foi tentar incutir o gosto pela Educação Musical nos alunos das turmas em que lecionei, procurando a inclusão total de todos os alunos

Os dados obtidos e registados ao longo dos três ciclos de ensino, revelam que os objetivos traçados foram atingidos com sucesso. Não só foi notório o aumento do gosto pela aprendizagem da música como também o incremento da motivação de todos os intervenientes no processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chaves: Musicoterapia; Necessidades Educativas Especiais; Ensino-Aprendizagem; Inclusão.

Abstract

The present report is inserted in my Supervised Teaching Practice (STP), to show all work and experiences obtained in the three cycles of basic education and also the reflection about the problematic occurred during my STP.

Due to the specificities of stage classes of first and third cycle namely students with Special Education Needs, I sought to find the best methodology to use in the classes. After revision of literature and adequacy of the most better way to follow.

For the data collect I resorted to direct observation and to registration of camp notes. The main objectify of my STP was try to include the pleasure for musical education in our students, searching for the total inclusion of the students with special education needs.

The data obtained and registered during the three cycles of school teaching reveal that the objectives planed wired obtained with success. It was evident the augmentation of pleasure of learning music as well as implementation of motivation of all the intervenient of the process teaching-learning.

Keywords: Music Therapy; Special Education Needs; Teaching and Learning; Inclusion.

Lista de abreviaturas, siglas e símbolos

Abreviatura Significado

PES - Prática de Ensino Supervisionada.....	pág.vi
NEE - Necessidades Educativas Especiais.....	pág.vi
DAE - Dificuldades de Aprendizagem Especiais.....	pág.4
EB - Ensino Básico.....	pág.16
TIC - Tecnologias de Informação e Comunicação.....	pág.19
PCT - Projeto Curricular de Turma.....	pág.21

Índice de tabelas

Tabela 1 – Os três elementos musicais paralelos com a vida humana.....	pág.7
Tabela 2 – Competências segundo Sabatella.....	pág.15
Tabela 3 –Contabilização dos alunos por idade e gênero do 1º ciclo.....	pág.20
Tabela 4 – Percussão de altura definida.....	pág.32
Tabela 5– Instrumentos de altura definida.....	pág.32
Tabela 6 – Percussão de altura indefinida.....	pág.33
Tabela 7 – Contabilização dos alunos por idade e gênero do 2º ciclo.....	pág.34
Tabela 8 – Contabilização dos alunos por idade e gênero do 3º ciclo.....	pág.40
Tabela 9 – Escolha de alguns temas apresentados na aula.....	pág.43
Tabela 10 – Quadrado Mágico e descrição.....	pág.47

Índice de Figuras

Figura 1 – Conjunto de intervenções.....	pág.5
Figura 2 – Mapa de localização de Macedo de Cavaleiros.....	pág.17
Figura 3 – Centro escolar – Polo I.....	pág.18
Figura 4 – Mapa de localização do Agrupamento vertical de escolas de Macedo de Cavaleiros.....	pág.18
Figura 5 – Planta da sala E, em 3D.....	pág.20
Figura 6 - Mapa de localização de Bragança.....	pág.29
Figura 7 - Mapa de localização do Agrupamento Vertical de escolas Augusto Moreno.....	pág.30
Figura 8 – Escola EB 1/2/3 Augusto Moreno.....	pág.30
Figura 9 – Planta da sala nº 1, em 3D.....	pág.31
Figura 10 - Planta da sala nº 2, em 3D.....	pág.32

Índice de Imagens

Imagem 1 – Jogo didático com figuras rítmicas.....	pág.26
Imagem 2 – Excerto da canção da Páscoa.....	pág.26
Imagem 3 – Excerto da canção do dia da Mãe.....	pág.26
Imagem 4 – Excerto da canção “ Riu piu piu”.....	pág.34
Imagem 5 – Excerto da partitura da peça 1 “Hine ma tov”; peça 2 “Kookaburra”.....	pág.38/39
Imagem 6 – Excerto da canção “Dunas” versão Natal.....	pág.44
Imagem 7 – Excerto da canção “ Natal em todo o lado”.....	pág.44

Lista de anexos

Anexo 1 – Partitura da peça “ As Ceifeiras”.....	pág.56
Anexo 2 – peça “ escrevem-se na pauta”, do livro pequenos músicos.....	pág.57
Anexo 3 – ficha sobre figuras rítmicas.....	pág.57
Anexo 4 – desenho sobre figuras rítmicas, elaborado pela própria.....	pág.59
Anexo 5 – história sobre as figuras musicais.....	pág.60
Anexo 6 – canção sobre a páscoa “ coelhinho da páscoa”.....	pág.61
Anexo 7 – Desenho sobre a canção.....	pág.62
Anexo 8 – Canção sobre o dia da Mãe “ Não há mãe melhor que a minha”.....	pág. 63
Anexo 9 – Canção sobre a água, composta pelo cooperante.....	pág. 64
Anexo 10 – Canção para os reis “ Champanhe”.....	pág.65
Anexo 11 – Canção para os reis “ Riu piu piu” e “Pinheirinho”.....	pág.66/ 67
Anexo 12 – Canção para o teatro “ Hine ma tov” e “ Kookaburra”.....	pág.68
Anexo 13 – Partitura da canção popular “Malhão, Malhão”.....	pág.69
Anexo 14 – Canção “Dunas” dos G.N.R / versão Natal, elaborado pela própria, alunos e cooperante.....	pág.70
Anexo 15 – Canção “Playback” do cantor Carlos Paião.....	pág.71
Anexo 16 – Canção para a festa de Natal “Natal em todo o lado”.....	pág.72
Anexo 17 – Canção “Cinderela” do cantor Carlos Paião.....	pág.73
Anexo 18 – Canção “ Chico Fininho” do cantor Rui Veloso.....	pág.74
Anexo 19 – Canções de carácter tradicional/popular “Papagaio loiro”; “Machadinha”.....	pág.75

Introdução

As funções da música e o acesso à música estão a transformar-se rapidamente. O antropólogo Merriam (1964) sugeriu que *“provavelmente não há nenhuma outra atividade humana cultural que seja tão influente e que alcance, modele e frequentemente controle tanto o comportamento humano”*.

A música está presente em todas as sociedades, desempenhando diferentes funções através dos tempos e em diversas culturas (Hargreaves, 2006). Tendo em conta o tema do meu trabalho, a musicoterapia, recorri a David Hargreaves (2006) que, citando Merriam (1964) e North (1999b), propõe três funções psicológicas da música - cognitiva, emocional e social. Estes, sugerem que as funções sociais da música podem ser manifestadas na regulação dos estados emocionais e no desenvolvimento da identidade bem como nas relações interpessoais. *“No entanto, há um certo consentimento de que os sentimentos aliciados pela música têm implicações significativas para o comportamento social”* (Collier, 1990), em parte porque géneros musicais diferentes cativam graus diferentes de excitação. A função emocional da música tem a capacidade de suscitar emoções profundas e significativas.

North e Hargreaves (2006) depreendem que são os objetivos de excitação contrastantes que possivelmente explicam a seleção de géneros musicais diferentes, de acordo com diversos contextos sociais, *“Enquanto uma peça de música rápida e em volume alto pode ser usada para elevar os níveis de excitação durante uma festa ou numa discoteca, uma canção de mimar calma e serena pode servir para diminuir o nível de excitação da criança cansada”*. Por outras palavras, as formas de utilização e apreciação da música variam de acordo com uma combinação de crenças pessoais e objetivos de excitação, entrelaçados ao grupo social a que pertencemos. Os mesmos autores realizaram vários estudos, nos quais salientaram a importância da comunicação verbal e não-verbal.

A comunicação verbal é relacionada com exposições diretas, e a comunicação não-verbal, é quando a criança não consegue transmitir os seus sentimentos ou ideias, e aqui posso referir a aprendizagem de um instrumento musical, como forma de transmissão. A título de exemplo posso referir o filme *“Escola de Rock”*,¹ no qual é demonstrado que os adolescentes com problemas sociais, psicológicos, pessoais e até mesmo interpessoais, através do manuseio de qualquer instrumento musical lhes facilita a comunicação entre todos os membros da comunidade escolar e social a que pertencem, transportando para o instrumento aquilo que não

¹ Filme Americano de 2003, dirigido por Richard Linklater., retirado de <http://www.cineplayers.com/critica/escola-de-rock/372>.

conseguem transmitir verbalmente. De acordo com Olsson (1997) em que no seu estudo concluiu que a educação musical tem um papel fulcral na vida de qualquer indivíduo, pois o envolvimento na educação musical explica o interesse e o desinteresse pelos estudos. Reportei estas ideias para trabalhar nos estágios dos 3 ciclos, nomeadamente o 1º e 3º ciclo, que tinham incluídas crianças com Necessidade Educativas Especiais, enquanto no 2º ciclo não continha alunos com estas características. Por esta razão, recorri a várias leituras e utilizar alguns métodos para poder realizar com sucesso este trabalho.

Depois de a abordagem teórica da temática em estudo, e em concordância com a minha opinião pessoal, passo a descrever os diferentes momentos do relatório.

Os principais objetivos do trabalho consubstanciam-se em: Resumo/Abstract; Introdução; Capítulo 1 e Capítulo 2; Conclusão e os Anexos. No Capítulo 1 apresento a temática, falando um pouco sobre a Educação Especial, como forma de poder entender de que se trata as especificidades desta; posteriormente retrato a Musicoterapia descrevendo as suas especificidades, passando também por alguns dos métodos utilizados em conjunto com professores de Educação Especial, professores de Música e Encarregados de Educação. Abordo também o tema da Inclusão que, na minha perspetiva é muito importante quando se fala em Educação Especial ou Necessidades Educativas Especiais. Termina esta parte refletindo acerca dos Professores de Música como devem agir/reagir perante situações com estas crianças.

No Capítulo 2, descrevo as experiências letivas no 1º ciclo, 2º ciclo e por último o 3º ciclo, debruçando-me sobre a prática, experiências e metodologias que realizei em contexto de sala de aula, onde a maior parte do trabalho se realizou.

Finalizo com uma reflexão acerca da temática, bem como dou conta, não só dos pontos fortes deste trabalho como uma reflexão das dificuldades neste sentidas neste trabalho.

CAPÍTULO 1

1- Quadro Conceptual

1.1 Música e a Necessidades Educativas Especiais

Neste capítulo pretendo fazer um pequeno resumo da Educação Especial relacionando-a, com a música. A Educação, isto é, a ação de desenvolver as faculdades morais, físicas e intelectuais é o resultado da prática de exercícios apropriados ao desenvolvimento harmonioso do corpo e mente humano. De qualquer modo, a Educação Especial particulariza todo esse grande leque de conceitos, uma vez que corresponde, ou aplica-se exclusivamente a alguma coisa, a uma pessoa, a um espaço ou a uma atividade, “ *Conjunto de serviços de apoio especializados destinados a responder às necessidades especiais do aluno com base nas suas características e com o fim de maximizar o seu potencial. Tais serviços devem efetuar-se, sempre que possível, na classe regular e devem ter por fim a prevenção, redução ou supressão da problemática do aluno, seja ela de foro mental, físico ou emocional (...) para que ele possa receber uma educação apropriada às suas capacidades e necessidades.*” (Correia,1997). É neste sentido mais restrito – especial – que estabeleço o paralelo entre Educação Especial e a “criança diferente”, uma vez que tal nomenclatura estabelece limites particulares de abordagem. Trata-se de uma criança que requer metodologias e atividades adequadas ao seu ritmo de aprendizagem. O conceito de deficiente é complexo, diminuição, incapacidade e deficiência, são subconceitos que cabem dentro do conceito mais lato de deficiente e que se define da seguinte forma, segundo Fonseca (1984):

Diminuição – “ Qualquer perda ou anormalidade da função ou estrutura psicológica, fisiológica ou anatômica”.

Deficiência – “ Qualquer restrição ou falha de capacidade (resultante de uma diminuição), para desempenhar uma atividade de um modo ou segundo uma ordem considerada normal, para um ser humano”.

O conceito de deficiência engloba um conjunto muito variado de perturbações de funcionamento de vários órgãos, que originam alterações na relação do indivíduo com o seu ambiente natural. As consequências mais graves de uma afeção desses órgãos, numa criança,

será a dificuldade de estabelecer uma comunicação espontânea com os outros, amigos e familiares. Estas perturbações irão afetar todo o desenvolvimento cognitivo, intelectual e sócio escolar. É importante que os pais ou encarregados de educação tenham acesso aos diagnósticos, à informação e orientação especializada que lhes permita estabelecer uma integração mais positiva tanto para a criança “diferente” como para todos os educadores, pois é imprescindível. Neste caso para os Professores de Música, é necessário saber da problemática do aluno para poderem trabalhar de forma diferente. Podendo, assim receber os estímulos mais adequados a um processo de desenvolvimento harmonioso, em que de uma forma simples possam encontrar os modos de comunicação mais acessíveis.

Devemos pois encarar a criança deficiente na sua individualidade, compreendermos as suas características e diferenças para podermos fornecer e pôr em prática as medidas de ensino especial mais adequadas a cada um, tal como refere a *Lei de Bases do Sistema Educativo*, que a integração no sistema de ensino respeita a individualidade, já que todos têm direito à diferença.

Para que tudo seja possível é essencial, que os programas educativos dimensionados determinem qual a situação que melhor convém à criança, quais as condições necessárias para que haja sucesso e os fatores que podem ocasionar problemas a fim de serem minorados em determinada deficiência pois são fatores primordiais. De todo, o sucesso e o progresso escolar de uma criança “diferente” depende na maior parte da planificação cuidadosa de um programa educativo. Dentro do sistema de educação deve-se encontrar com urgência, as respostas mais adequadas, dotando a escola de meios humanos e técnicos para o cumprimento do mesmo plano pedagógico, e aqui incluo a parte musical, visto que a sensibilidade musical provoca uma reação entre os sons musicais, que aparece por natureza própria, física, intelectual e emocional. Não deve ser confundida com a aptidão musical, que é o poder adquirir algum tipo de habilidade musical, criativa ou interpretativa. A distinção entre a sensibilidade musical e a aptidão musical tem particular importância na Educação Especial. Porém, as crianças com deficiência tem a mesma reação às experiências que as crianças ditas “normais”, não sendo nem mais nem menos sensíveis à Música, podendo ter um significado importante para eles, porque é um substituto ou um intermédio da autoexpressão e da comunicação, pois muitas crianças deficientes contêm um talento musical apreciável. No que diz respeito às aplicações na sala de aula, Silva H. e Lopes J. (2010, pp. 87) apresentam um conjunto de intervenções, apresentadas na tabela abaixo, mais eficaz para os alunos com Dificuldade de Aprendizagem Específicas (DAE).

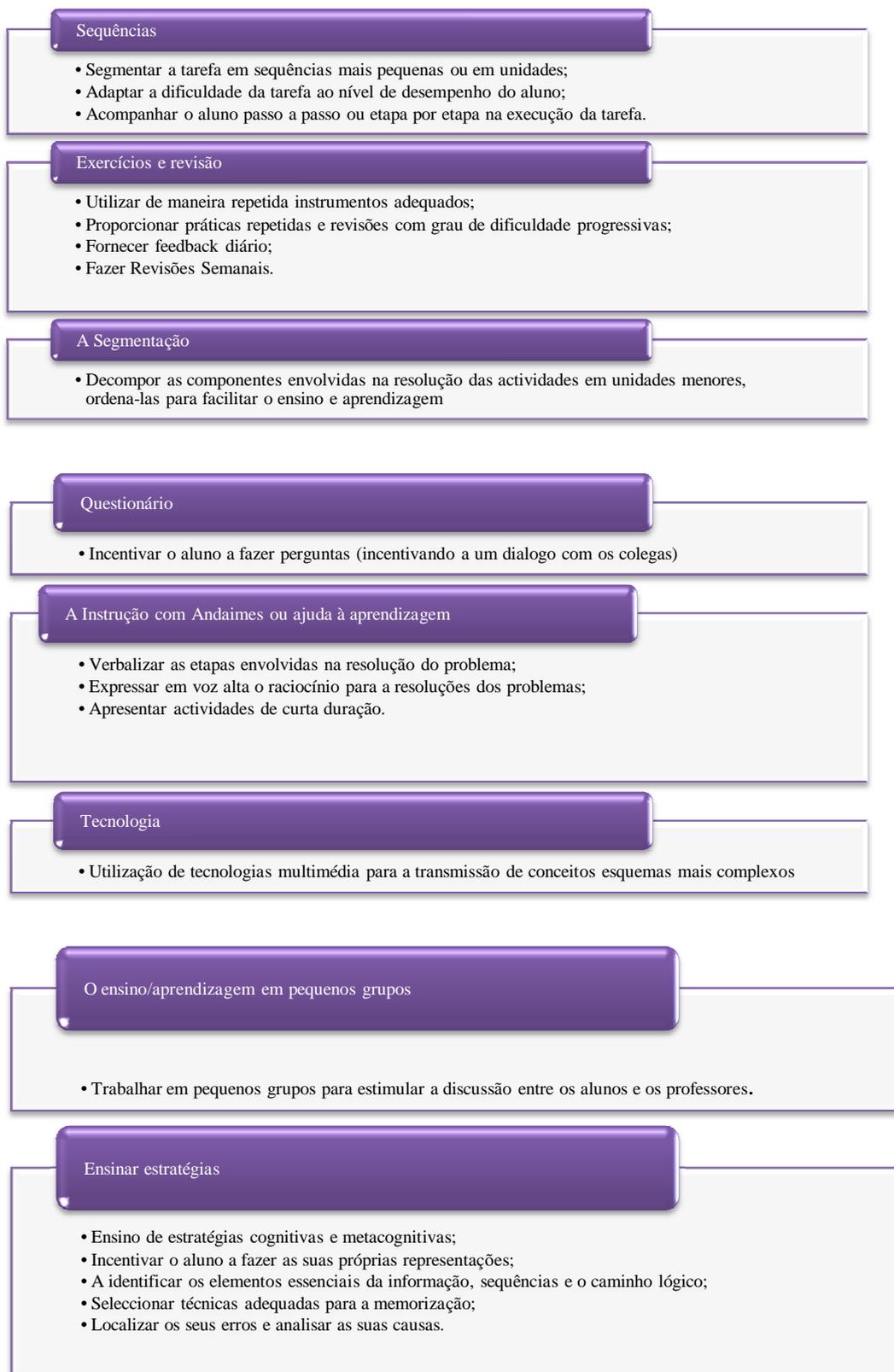


Figura 1: Conjunto de intervenções

A Música, é uma forma de estabelecer a comunicação e a integração social através dos sentidos. Um dos entraves que acontece com alunos “diferentes” é o medo do desconhecido, e é aqui que o professor de educação musical deve interagir, limando essa insegurança que a criança apresenta ou sente perante situações novas, “ (...) *uma canção interpretada em diferentes fases de crescimento do indivíduo faz-lhe despertar diferentes vibrações, quer físicas, quer mentais, quer psicológicas.*” (Torres, 1998, pp. 21). As aulas de Música devem-lhe inspirar autoconfiança quando realizam atividades que sejam capazes de superar, assim, a criança sente uma sensação de estabilidade e confiança por terem conseguido ultrapassar essas atividades.

Parece relevante trazer ao assunto a musicoterapia, porque é nela que encontramos uma grande adaptação para pessoas com deficiência psíquica ou física. Escolhida pelo seu eco afetivo e pelas possibilidades que dá ao indivíduo de se expressar a nível individual ou em grupo, e também relacionar segundo a sua sensibilidade. É com êxito, que é utilizada em instituições especializadas na reeducação de crianças/jovens em Educação Especial, pelos seus efeitos positivos, pois podem demonstrar que as aptidões e preferências das pessoas com deficiência podem demonstrar algo extraordinário sobre a própria personalidade, carácter ou comportamento, pretende também “*Desenvolver capacidades de expressão e comunicação (...) desenvolver a imaginação criativa e sensibilizar para a atividade lúdica (...) assegurando às crianças com NEE condições adequadas ao seu desenvolvimento e pleno aproveitamento das suas capacidades*” (Lei de Bases do Sistema Educativo, 1986, art.º 7º).

A música enriquece a vida, e por este motivo é necessário que a pessoa “diferente” deve estar rodeada de um ambiente musical rico por estímulos, pois vai ser esta experiência sensorial que irá proporcionar um desenrolar emocional, psicofisiológico e social. Uma estimulação bem cuidada dos sentidos (visão, audição ou tátil), proporcionará a possibilidade de recuperação que se pretende com as pessoas “diferentes”. A maioria, requer maior quantidade e diversidade de estímulos que as pessoas ditas normais, e quanto mais acentuada seja a estimulação, melhores resultados se obterá, pois irá satisfazer as necessidades primárias de descobrir e criar o melhor método para se utilizar o ritmo, o som e o movimento.

Na Música, não se utiliza somente canções, mas também diversos sons e movimento na sua vertente mais variada, como por exemplo: atividades relacionadas com a produção de sons, discriminação, associação a instrumentos clássicos/eletrónicos, vozes, corpo humano (percussão corporal), representação através das cores, através de jogos didáticos, para Ruud (1990, pp. 76), “ *o estímulo musical representa um canal para a comunicação caso a pessoa não responda aos canais de comunicação normais*”. A necessidade que a pessoa deficiente sente em expressar-se e de se mover constantemente, pode e deve ser aproveitada como um meio de interação ou

comunicação, para dar lugar à recuperação desenrolando assim a capacidade física/motora, emocional e mental.

Edgar Willems (1979), fala-nos que a Musicoterapia esta relacionada com três elementos fundamentais na música tendo um seguimento natural sendo paralelas à vida humana.



Tabela 1: Os três elementos musicais paralelos com a vida humana, segundo Willems

As atividades musicais, são muito importantes para as aprendizagens escolares para estas crianças de Educação Especial, pois estas têm como objetivo a recuperação da autoestima e personalidade; a socialização e interação de movimentos corporais. Para Thayer Gaston (1968), a musicoterapia está dividida em três princípios fundamentais:

1. O estabelecimento ou restabelecimento das relações interpessoais;
2. A autoestima mediante a autorrealização;
3. Emprego do ritmo para organizar a energia.

No ponto 1, refere que as relações interpessoais são facultadas a partir de atividades entre grupos, predominando a comunicação verbal, expressão das emoções e ações. Sentindo-se assim útil para a dinâmica do grupo, potenciando a interação social; no ponto 2 entende-se por confiança, e satisfação e o respeito por ele mesmo, quando se propõe determinada atividade, como por exemplo: cantar, tocar um instrumento, realizar uma dança completa, sem interrupções, pois a alegria que a criança apresenta após concluir todas estas metas, serve como motivação ou apresentação de diversos conteúdos. E esta será uma das metas que todo o

educador seja de Educação Especial ou de música deve seguir; e por último, o ritmo/ordem, pois ordena os sons no tempo.

Segundo Thayer Gaston, E. (1968, pp. 77), a Musicoterapia de Educação Especial trabalha com os seguintes materiais: os afetos da música sobre a mente, o corpo e as emoções; o método adequado que deve utilizar para cada momento; os conteúdos técnicos do material com que trabalha as características e limitações das crianças com quem se vai relacionar. O professor de educação musical que trabalhe com crianças “diferentes”, deverá ter em consideração algumas características: boa predisposição e uma atitude alegre; uma postura corporal adequada com a atividade proposta, pois o corpo será um meio de expressão entre eles; ser breve na comunicação, frases curtas e claras. As atividades são necessárias, de algum modo para que a prática destas, possam ser interiorizadas, como por exemplo; conhecer as problemáticas dos alunos; a afetividade entre ambos, devido ao serem crianças muito afetivas, pois podem ter altos e baixos e o educador terá que saber lidar com esse tipo de alterações.

É importante realçar também que a musicoterapia ocupa a recuperação através da Música, mas também se interessa pela observação e análise da postura da criança nas atividades propostas pelo educador ao longo da aula, em que estas observações terão que ser objetivas e concretas, sempre baseadas em estudos científicos para que realmente sejam consideradas como válidas *“o musicoterapeuta é antes de tudo, um pesquisador (...). Ao dedicar-se ao uso da música em terapia (...) sem pensar nela como possível objeto terapêutico. Irá analisá-la do ponto de vista das matérias da forma, do contexto histórico e de prováveis associações extramusicais”* (Albinati, 2000, pp. 23).

Os métodos que se aplicam na formação de musicoterapeutas, e que podiam expandir-se para os educadores musicais, têm que ser um meio eficaz, para que a necessidade destes possam capacitar e autorizar a que o docente tenha a capacidade de tomar certas decisões em situações reais nas/com crianças de NEE, que por vezes podem sair fora de controlo. Em termos gerais, os métodos surgem como um procedimento para entender ou explicar algo, pois então será o caminho que se percorrerá para chegar a um fim ou a uma conclusão, mas também temos que estar cientes que há várias formas de o encarar, devido a particularidade que as ciências o possa vir a utilizar. Utilizei a seguinte ideia da musicoterapia, estando dividida em duas partes: Passiva (a criança com NEE, escuta) e a segunda, Ativa (a criança participa segundo uma ordem ou ação).

Quando se consegue que a criança, mediante uma metodologia adequada e uma seleção de atividades, expresse corporalmente o seu estado de ânimo, de tristeza ou alegria, que se deixe invadir pelo ritmo e pela música, então, consegue-se que ela se expresse sucessivamente o seu interior, as suas ideias e por conseguinte, será possível que mantenha uma relação com os outros e com o mundo que a rodeia. Qualquer educador terá a capacidade de seguir o método ou

pedagogia mais adequada para ele, não é que seja necessário ser rígido, mas este tem que conhecer o que irá apresentar perante estas crianças. Segundo Sabbatella (2008, pp.49), existem cinco pedagogo-musicais do séc. XX que contribuíram para a Educação Musical, e que se enquadram nesta ideologia, na minha opinião:

- Émile Jacques Dalcroze (1865-1950) – Fundamentou o seu método no desenvolvimento corporal como meio para o desenvolvimento musical. Desenvolveu exercícios rítmicos e auditivos (coordenação, associação, concentração) baseados nos movimentos corporais para desenvolver automatismos e respostas corporais rápidas. O seu método de trabalho foi adaptado pelos seus discípulos, pioneiros na *terapia educativa rítmica*. Os princípios pedagógicos e alguns exercícios utilizam-se com pessoas com problemas motores, sensoriais e de comunicação, deficiências mentais, problemas de conduta e personalidade.
- Edgar Willems (1890-1978) – Introduz o fator psicológico na educação musical, relacionando a música com a psique humana. O seu método dá importância ao desenvolvimento da sensorialidade auditiva e da personalidade, estabelecendo analogias entre os diferentes aspetos da vida e os elementos constitutivos da música: Ritmo – Vida Fisiológica; Melodia - Vida Afetiva; Harmonia – Vida Mental. A utilização do método com pessoas deficientes origina conceitos tais como, *Sonoterapia*², *Ritmoterapia*³, *Meloterapia*⁴.
- Carl Orff (1895-1982) – A *Orff-Schulwerk* fundamenta-se na relação ritmo-movimento – linguagem para uma educação musical ativa que sublinha a dimensão social da atividade musical. Esta metodologia foi utilizada na educação especial dando origem ao enfoque *Orff Therapy Music* desenvolvido principalmente por Gertrud Orff. Utiliza-se com alunos com problemas de linguagem, de motricidade e de desenvolvimento.
- Maurice Martenot (1898-1980) – A sua obra pedagógica baseia-se nas três fases educativas propostas por Montessori: imitação, reconhecimento e reprodução. Confere importância ao aspeto psicofisiológico da criança e ao tempo natural regulado pelo ritmo orgânico. O “ tempo musical” deve estar em consonância com o “ tempo da criança” para evitar falta de atenção e de espaços vazios na atividade mental.

² É um tratamento terapêutico que utiliza o sono como terapia ativa;

³ Tem como função utilizar o ritmo como uma terapia corporal, cuja finalidade é melhorar a postura corporal.

⁴ Tratamento médico utilizado através da música.

- Raymond Murray Schafer (1933-) – Os seus princípios pedagógicos podem aplicar-se na educação musical especializada e na musicoterapia. A criatividade e liberdade pedagógica, a curiosidade e a descoberta de novos procedimentos e meios de expressão sonoro-musical, a utilização de materiais ecléticos, a ênfase na escuta, *a paisagem sonora e a ecologia sonora*.

De acordo com Sabatella (2008), as tendências da pedagogia moderna têm como incidência uma pedagogia ativa, com os seguintes fundamentos básicos: a liberdade, o jogo e a criatividade. Passo a descrever melhor, o que é ser ativo numa sala de aula, buscar formas em que estes se desenvolvem melhor e mais rápido, não realizar esforços em vão, serem mais concretos, para que possam aproveitar ao máximo os objetivos propostos. Para os NEE, é importante ou até mesmo imprescindível que seja demonstrado, uma certa responsabilidade em conjunto com o método e ritmo de trabalho. Em relação às técnicas ativas musicais é importante salientar, alguns conceitos importantes para estas crianças, como por exemplo os instrumentos, o ritmo e a melodia, como podemos atuar ou interagir com eles com estes meios, “*Uma atitude criativa representa uma resposta adequada a uma situação nova, (...) devendo o indivíduo criador ser capaz de modificar seu comportamento em resposta a novas informações (...) estimulando a mudança e proporcionando oportunidades para transferir e aplicar o conhecimento às situações de realidade*”. (Costa & Vianna, 1982. pp. 50)

Os instrumentos, vou começar por falar no corpo, pois ajuda-nos na integração das tarefas musicais e rítmicas. É o primeiro instrumento a que temos acesso, todos é com ele que aprendemos a sentir as vibrações, a audição e o tato, mesmo que algumas crianças devido à sua deficiência não sentiam na totalidade tudo de uma vez.

De seguida, passo a descrever um pouco, o que referi anteriormente, aqui devem predominar em primeiro lugar os instrumentos de percussão de grande tamanho: bombo, tímpanos e o piano, pelo fato de produzirem vibrações mais intensas, as quais as crianças irão facilmente perceber, tanto através do ar no peito ou na cara, como nos pés. O importante aqui, é que as crianças possam sentir a adaptação no meio em que vivem através de sons que possam identificar, pois estes, contendo possibilidades variadíssimas para a integração, gerando assim motivação e interesse, “*Outros exercícios interessantes com os sons consistem em fazer com que os alunos, através de efeitos sonoros, contem uma estória (...) e ainda, procurar um instrumento que melhor imite. É importante que se explore ao máximo as variações tímbricas nos exercícios*” (Medeiros, 1997, pp. 55).

O ritmo: para estas crianças, ou a maior parte delas, é necessário que se dê maior importância às atividades rítmicas e de movimento como meio de desenvolvimento físico e pessoal, bem como a integração pessoal, “*através da sua prática é possível trabalhar ao nível*

motor, a aquisição e desenvolvimento das habilidades e destrezas básicas, de qualidades físicas básicas, de capacidades de coordenação, de habilidade (...), desenvolver o conhecimento e controlo corporal, o pensamento, atenção e memória, a criatividade e capacidade expressiva”. (Sousa, 1979, pp. 70). Em que posso sugerir por exemplo a percussão corporal, pois ajuda bastante em todos os pontos que referi anteriormente, com a seguinte ideia, imitação de ritmos propostos pelo professor de música ou pelos próprios colegas, fazendo com que interajam sempre na aula. Improvisação de ritmos ajudados com elementos vocais (vocábulo do pedagogo Kodaly), como por exemplo: tata ou ti, ti, tiiii, siglas com fácil conotação; fazer alguns exercícios físicos tais como saltos, rodas, balancear entre outros, seguindo um ritmo marcado; exercícios de movimento seguindo itinerários limitados, dentro da sala ou fora, tudo dependendo o que o educador pretende. E por último, as danças com os companheiros ou grupos da sala de aula ou alheios a esta, “ *no contexto escolar podemos pensar na dança como um mecanismo privilegiado para estimular os alunos a conhecer formas expressivas de pensar e compreender (...)*” (Santos, 2013, pp. 15) para perceber as relações espaciais utilizando também as percussões, movimentos ou ritmos de palavras e canções infantis. Em relação, a melodia, deve ser simples e adaptada às suas responsabilidades de entoação; deve estar bem estruturada para que possam e consigam, dependendo de cada limitação, cantar ou entoar. O ritmo deve ser repetitivo e atraente, algo que conheçam, com pouca dificuldade de início, aumentando aos poucos a dificuldade.

Segundo Wuytack (1989, pp. 65) “*A criatividade é fundamental em música. A criança tem uma grande imaginação; não quer apenas reproduzir, mas também criar, comunicar*”. Significando isto que o ritmo/canções devem ser simples para permitir a criatividade total. Importante também que as canções tenham gestos com palavras, com expressões repetidas que incluam o nome da criança; de rimas sem sentido, animais ou pessoas conhecidas; sobre a natureza; folclóricas, populares e tradicionais,

2- A Inclusão e as Necessidades Educativas Especiais

2.1 A Inclusão

“ *A inclusão significa a oportunidade de indivíduos com uma deficiência participarem cabalmente em todas as atividades laborais, de consumo, de diversão, comunitárias e domésticas que caracterizam a sociedade quotidiana*” (Florian, 1998, pp. 10). Tal como refere a autora, a escola deve ser de igual forma para todos, isto porque no passado houve bastantes retalias para com as pessoas com qualquer tipo de deficiência, acusando-as até de não serem pessoas mas sim “monstros”, sendo escondidas ou abandonadas, como por exemplo na Idade Média as pessoas afirmavam que estes “seres” estavam possuídos pelo demónio. Com a

evolução do Mundo, neste caso refiro-me à educação e à ciência, as pessoas com deficiências começaram a ser tratadas de outra forma, passando a ser incluídas na educação e na sociedade. Aqui, claro está que me vou dirigir mais para a escola, num conceito de acolhimento, de ensinamento e de conhecimento. Pois os educadores, terão um papel fulcral na educação destes indivíduos, e como estamos cientes a escola é um princípio de mudança, a nível de pensamento, de atitude de compreensão, entre outros, “*As diferenças de contexto resultam em diferentes quadros da educação inclusiva, apesar do facto de muitas jurisdições basearem nos direitos humanos os argumentos a favor da educação inclusiva*” (Florian, 1998, pp. 15). Podemos afirmar novamente que a escola é para todos, e as ditas crianças com deficiências, passaram a chamar-se como crianças com NEE, em contexto escolar. Segundo Gonçalves, F. (2010, pp.25), “*as crianças de NEE devem ser capazes de modificar a sua autonomia, sociabilização e integração, satisfazendo os princípios e objetivos definidos na Lei de Bases do Sistema Educativo, criando situações voltadas para o desenvolvimento social e pessoal, de aprendizagens diversificadas (...)*”. Aqui, podemos referir que a Escola Inclusiva, tem um papel muito importante no crescimento destas crianças, pois ajudá-los-á a crescer integrados numa sociedade “um pouco cruel”, pois os educadores, sejam eles os professores, pais ou encarregados de educação, terão que fazer ter respostas adequadas e eficazes, para que estes sejam sempre acompanhados, de igual forma aos outros alunos. Pois, a escola terá que ser capaz de receber qualquer tipo de criança rejeitada.

Com a Declaração de Salamanca⁵ (1994), as igualdades e obrigatoriedades passaram a ser definidas como “*Existe o consenso de que as crianças e jovens com NEE devem ser incluídas nas estruturas educativas designadas à maioria das crianças (...). O desafio a esta escola inclusiva é o ser capaz de desenvolver uma pedagogia centrada na criança, suscetível de as educar a todas com sucesso, incluindo as que apresentam graves incapacidades*”. Com a Declaração, houve um esclarecimento, de que a escola deve ter meios e acessos regulares para este tipo de alunos, oferecendo pedagogias e metodologias apropriadas para o tipo de educação que pretende oferecer aos alunos com NEE. De acordo com Correia (2003, pp. 5), “*A filosofia adjacente a uma escola inclusiva prende-se com um sentido de pertença, onde toda a criança é aceite e apoiada pelos seus pares e pelos adultos que a rodeiam*”. A escola inclusiva está em nós todos, e cada um pode contribuir de forma produtiva para uma escola mais justa, melhor e mais humana, partindo da vontade própria de cada pessoa na construção desta. “*Estar incluído é muito mais do que uma presença física: é um sentimento e uma prática mútua de pertença*”

⁵ A Declaração de Salamanca é um documento publicado em 1994, como resultado da Conferência Mundial sobre Educação de Necessidades Especiais, apesar deste documento ter surgido da educação de crianças em condição de necessidades educativas especiais. Neste documento vem explícito os princípios inclusivos, sendo um documento importante para definir as práticas inclusivas.

entre a escola e a criança, isto é, o jovem sentir que pertence à escola e a escolar sentir que é responsável por ele” (Rodrigues, 2003, pp. 50).

2.2 Necessidades Educativas Especiais

Segundo Brennam (1990), necessidades educativas especiais são aqueles alunos que têm certas dificuldades maiores que o habitual (mais amplas e mais profundas) e que precisam, por isso, de ajudas complementares. Podemos dizer que ao ter esta característica não significa que é necessário o aluno ter uma deficiência grave, seja ela a nível físico como mental, pode-se tratar apenas de um aluno que apresente dificuldades de aprendizagem; problemas emocionais; sociais, entre outros. Ou seja, todo o aluno que não acompanhe o currículo, deve ter adaptações adequadas a ele, para que esteja integrado na turma em questão. Mais uma vez, vou referir a Declaração de Salamanca de 1994, pois diz que o aluno deve ter um modelo escolar com as devidas bases e conceitos, para que este esteja incluído na turma, sem qualquer discriminação e que acompanhe a restante turma, porém o currículo deve ser flexível demonstrando sempre um trabalho colaborativo. Claro está, que cada aluno com NEE tem o ritmo de trabalho, e o educador tem que respeitar essa questão e demonstrar à turma também, para que o aluno com NEE se sinta incluído na aula.

Em relação, aos alunos com NEE na aula de Educação Musical, estes devem apresentar alguns requisitos ou características, para poderem frequentar estas aulas, para que o ambiente seja adequado tanto para ele, como para a turma acolhedora. Segundo Sabatella, (2008, pp.53),o aluno precisa dos seguintes requisitos:

1. Maturidade emocional e social que facilite a integração: não apresentar comportamentos disruptivos excessivos e/ou problemas de conduta importantes, e ter uma noção adequada do “eu” e da estruturação da personalidade;
2. Experiências positivas de socialização e de tratamento igual com outras crianças e com adultos diferentes;
3. Experiências prévias de separação e de mudanças frequentes (de pessoas, lugares, etc.) e de adequação a grupos grandes (turma 20/25);
4. Experiências positivas em situações anteriores de integração;
5. Linguagem comunicativa, oral ou gestual, que permita a interação com os outros;

6. Conhecimento do professor de música antes de se integrar na turma.

A autora, refere-se a estes requisitos, na minha opinião, numa turma que seja inclusiva, como menciona no ponto três, as turmas por norma costumam ser grandes, e caso o aluno com NEE tenha uma deficiência grave, o professor não poderá dispor do tempo necessário, para esta criança. Pois, como já foi referido anteriormente este aluno demonstrará as suas necessidades mais lentas, e em relação à turma poderá sentir-se discriminado ou até mesmo rejeitado, e aqui o que se pretende é o inverso. Daí ser necessário, urgentemente, criar aulas ou blocos dedicados somente a crianças com NEE, para poderem trabalhar de forma diferente e prolongada, para posteriormente se juntarem à turma.

Nos últimos anos, surgiram duas novas áreas de especialização, na área de Educação musical – a Educação Musical Especial⁶ e a Educação Musical Inclusiva⁷. Terá de ser um trabalho mais heterogéneo, adequado ao grupo que se apresente, demonstrando um a vontade perante as competências e exigências deste alunos, a mesma autora, Sabatella (2008, pp.52) refere que os educadores musicais devem ter mais oportunidades de formação, dizendo que o professor de educação musical deve ser inclusivo na sala de aula do ensino normal, nomeando algumas competências, tais como:

⁶ Tem como objetivo desenvolver capacidades musicais específicas, sendo necessário o desenvolvimento de adaptações curriculares, facilitando assim a aprendizagem.

⁷ É um conjunto de recursos e estratégias para facilitar as aulas de educação musical, reportando ao interesses, características e necessidades de aprendizagem.

<p><i>Conhecer as características e necessidades de todos os alunos</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> •O professor de música deve conhecer as características da turma assim como as dos alunos com NEE. Para obter informações necessárias que lhe permitam adaptar as atividades às potencialidades e necessidades da turma, bem como promover um ambiente de trabalho positivo.
<p><i>Tratar todos os alunos da mesma forma</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> •O professor e música deve tratar todos os alunos por igual promovendo a integração, e em momento algum devem as suas atitudes produzir discriminação. Deve potenciar atitudes integradoras e inclusivas que favoreçam o respeito entre os alunos
<p><i>Gerir problemas de forma eficaz, rápida e criativa e adequada ao contexto</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> •A inclusão efetiva promove o <i>bem-estar de todos os alunos</i>. O professor de música deve ser capaz de gerir situações do grupo e procurar apoio para a tarefa da inclusão. (...) Um clima afetivo e emocional adequado são fundamentais para que os alunos aprendam e participem plenamente promovendo a integração dos alunos com N.E.E
<p><i>Planificar atividades musicais adaptadas às necessidades específicas dos alunos</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> •O professor de música deve planificar atividades musicais inclusivas com sucesso. Para tal, pode pedir o apoio a um musicoterapeuta, de forma a conseguir implementar atividades musicais que lhe permitam desenvolver o currículo adaptando-o às necessidades do aluno com N.E.E e do grupo inclusivo.
<p><i>Ser musicalmente ativo e participativo</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> •A música permite ao professor de música estabelecer uma relação diferente com os alunos e descobrir neles uma faceta expressiva e artística – uma criatividade musical que lhes permite progredir noutras áreas curriculares.

Tabela 2: Competências segundo Sabatella (2008, pp. 54)

3- *Experiências da Prática de Ensino Supervisionada no 1.º ciclo do EB*

3.1 Introdução

O presente capítulo pretende desenvolver, contextualizar e refletir sobre todo o trajeto do estágio de 1º ciclo do Ensino Básico, desenvolvendo ideias, estratégias e esquemas pretendidos para a elaboração desta fase.

O estágio foi realizado no Agrupamento de Escolas de Macedo de Cavaleiros, Polo 1 ou centro escolar, assim designado, pois este abrange o pré – escolar, 1º ano e 2º ano. O relatório deste ciclo é sobre a turma E do 2º ano, com cerca de vinte e dois alunos, na sala sete, com a carga horária noventa minutos mais quarenta e cinco minutos (cento e trinta e cinco minutos, no total), a minha *Prática de Ensino Supervisionada*, ocorreu durante os meses de fevereiro a maio, à sexta-feira com o horário de quarenta e cinco minutos, sempre acompanhada pelo meu professor cooperante.

Começarei por apresentar uma contextualização do meio envolvente, do meio escolar, da turma e da sala; sendo também feita uma descrição analítica e reflexão sobre todas as experiências vivenciadas por este e indo de encontro ao que idealizei para este ciclo, finalizando com um breve conclusão. Os seguintes capítulos serão apresentados também de uma forma descritiva, delineando o 2º ciclo e 3º ciclo do EB⁸, ambos da mesma escola⁹.

⁸ Ensino Básico

⁹ Agrupamento de Escolas Augusto Moreno em Bragança.

3.2 Caracterização do contexto

3.2.1 Caracterização do Meio Envoltente

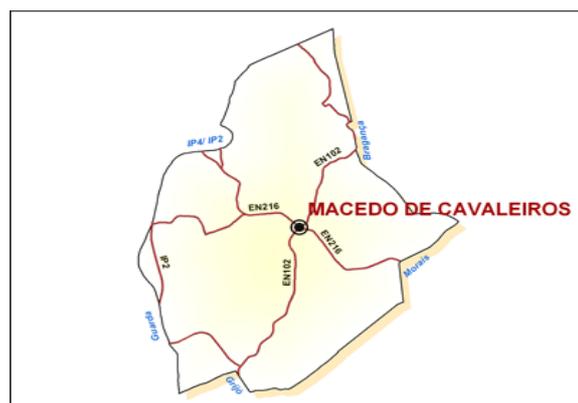


Figura 2 - Mapa de localização de Macedo de Cavaleiros

O território de Macedo pertencia a D. Nuno Martins e a D. Mendes Gonçalves, notáveis cavaleiros. Foi a partir do século XIV que *Masaedo* surge pela primeira vez nos documentos como Macedo dos Cavaleiros. Em 18 de Julho de 1835 surgiu uma nova divisão administrativa, o território nacional seria dividido em distritos, concelhos e freguesias. Macedo de Cavaleiros fica situado no centro transmontano, em que dois rios o atravessam, o rio Azibo e o rio Sabor, e ladeado por duas serras, a serra de Bornes e a serra da Nogueira.

Em 1863 a povoação de Macedo de Cavaleiros é elevada à categoria de vila. O crescimento da antiga povoação de *Masaedo* deve ter sido enorme entre o início do século XVIII e a segunda metade do século de XIX, passando duma simples pequena povoação a sede de concelho e a vila. A 13 de Maio de 1999 Macedo de Cavaleiros é elevado à categoria de cidade, sendo assim um concelho com pouco mais de 150 anos de existência.

3.2.2 Caracterização da Escola



Figura 3 - Pólo I – Centro escolar



Figura 4 - Mapa localização Agrupamento Vertical de Escolas de Macedo de Cavaleiros – Pólo I

O centro escolar situa-se na cidade de Macedo de Cavaleiros, localizado na Avenida Irmãos Rui e Garcia Lopes, na freguesia de Santa Maria Maior. Ao pé deste, podemos encontrar as piscinas municipais, os serviços de ação social e o mercado.

3.2.3 Caracterização física da escola

O Agrupamento de Escolas de Macedo de Cavaleiros, é composto pelo Centro Escolar, dividido em dois polos: o **Pólo I** que integra os alunos do 1º e 2º ano do EB, num total de onze turmas, que será o local onde estive a estagiar; e o **Pólo II** – que funciona no Bloco A da Escola EB2/3S, sendo a Sede do Agrupamento de Escolas de Macedo de Cavaleiros, integrando as turmas de 3º e 4º ano do EB num total de doze turmas; a Escola Integradora de Morais com duas turmas e por último a EB1¹⁰ de Chacim que também integra duas turmas. Este estabelecimento está a funcionar desde Setembro de 2010.

¹⁰ Escola Básica nº 1

O **Pólo I** abrange cerca de 223 alunos com uma capacidade para 250, concentrando também cerca de 50 professores e 53 auxiliares de ação educativa, em que de uma forma sucinta passo a descrever: o Centro Escolar tem dezasseis salas, dez destinadas ao 1º ciclo do EB, situando-se no piso 1; e as restantes para o Pré – Escolar. De seguida, descreverei o edifício sendo este distribuído da seguinte forma dividido em cinco áreas: administrativa; apoios e refeitório; multiusos; Jardim de Infância; 1º Ciclo do Ensino Básico. No piso 0 situa-se a entrada ao centro; do lado direito as salas do Pré – escolar, o refeitório, o pavilhão e as escadas para o piso superior; do lado esquerdo encontra-se a sala dos professores, o bar, a reprografia, área administrativa e uma sala de computadores sendo esta utilizada para aulas de TIC¹¹ e prolongamento; ao meio encontramos uma rampa que nos leva para o exterior da escola da parte de trás, nomeadamente o campo de futebol e um espaço lúdico, com baloiços, escorregas, entre outros; para irmos para o piso 1 temos como meios o elevador que se encontra do lado esquerdo e as escadas do lado direito do piso 0. No piso 1 vamos ver ao longo deste salas comuns as de expressões (música e educação visual), devidamente equipadas, a biblioteca, o elevador e um acesso para o exterior, o recreio. A escola está toda equipada com materiais novos, sejam eles, mesas, cadeiras, quadros, projetores multimédia, computadores e meios necessários para as aulas de extra curriculares, instrumentos musicais; bolas, coletes, balizas, entre outros, como se trata de uma escola nova, não existe qualquer historial acerca da população escolar, tendo esta sido constituída de raiz.

3.3 A Sala

A sala tem um formato retangular, é bastante ampla e com muito boas condições térmicas e de luminosidade pelo facto de um dos lados ser praticamente todo em vidro. Aqui existem doze mesas e vinte e duas cadeiras para os alunos; duas mesas para o professor titular e extra – curriculares. Numa delas está colocado o computador, para registo de sumários e faltas, sendo também para armazenamento de material em suporte informático; dois quadros: um interativo, com projetor multimédia fixo no teto e outro branco, colocados na parede um ao lado do outro; do lado direito da porta existem três armários para arrumação; do lado esquerdo dois placares grandes para fixar trabalhos dos alunos, ou alguma informação importante. Tem também duas portas, tal como demonstra a imagem, uma serve de entrada e saída para o interior da escola, e a outra para o exterior.

¹¹ TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação



Figura 5 – Planta da sala E, em 3D

3.4 A Turma

A turma do 2º ano é constituída por vinte e dois alunos com idades compreendidas entre os sete anos.

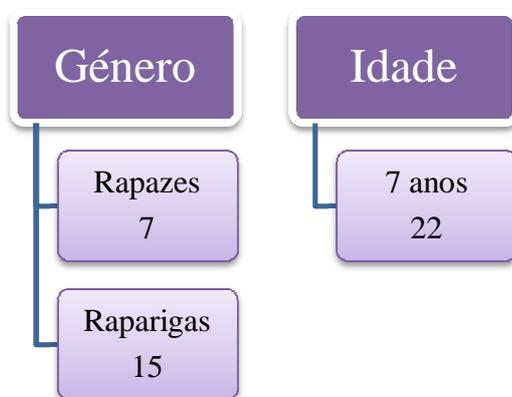


Tabela 3- Contabilização dos alunos por género e idade

A turma é formada por quinze alunos do sexo feminino e sete alunos do sexo masculino. Foram sinalizados três alunos que necessitam de uma atenção especial, dois desses alunos não adquiriram as competências relativas ao 1º ano. O primeiro já foi referenciado como tendo uma grande dificuldade na aprendizagem, segundo o que referiu a docente anterior, o educando tem dislexia, sendo que por esta razão precisa de ter alguém que o auxilie a realizar qualquer tipo de trabalho. O segundo, requer muita atenção, de acordo com informações dadas pela mesma, este aluno tem a escola como um local de continuidade para brincar, visto que foi transferido de outra turma. No ano anterior foi encaminhado para o Serviço de Psicologia e Orientação. Por último, a terceira aluna apresenta grandes dificuldades: distrai-se sem razão aparente, importante referir que esta foi retirada do seu ambiente familiar sendo transferida da Escola de Alfândega da Fé para o Agrupamento de Escolas de Macedo de Cavaleiros, encontrando-se atualmente a viver no Centro Dom Abílio¹². Esta criança demonstra comportamentos menos corretos, fazendo com que não se concentre nas aulas e não adquira o conhecimento necessário, sendo também encaminhada para consultas de terapia da fala.¹³

No que diz respeito ao meu estágio, tal como aprofundarei noutra parte deste relatório, pretendi realizar um trabalho que envolvesse a turma toda mas, dando especial atenção aos alunos referenciados como tendo NEE.

3.5 Descrição das experiências letivas

A minha experiência letiva neste ciclo foi relativamente diferente das que vivenciei nos outros dois ciclos. Esta diferença deveu-se a uma proposta do professor cooperante relacionada com a possibilidade de eu poder experienciar o apoio especializado a dois alunos diagnosticados com Necessidades Educativas Especiais. Como este não era o meu primeiro propósito de estágio, consultei a minha orientadora da PES no sentido de averiguar a viabilidade desta ideia. Após uma reflexão e reformulação da proposta de estágio, decidimos conjuntamente com o professor cooperante, avançar com esta hipótese, sublinhando a continuação da obrigatoriedade de ministrar algumas aulas a toda a classe e realizar a respetiva avaliação periódica. *“A escola deve acolher no seu seio todas as crianças, independentemente das suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras”* (UNESCO 1994: 1).

¹² Uma instituição que acolhe crianças do sexo feminino, desde bebés até atingir a maior de idade;

¹³ Retirado do PCT.

Assim, foi no dia vinte e cinco de Fevereiro de 2011 que iniciei o meu contato com esta turma. Como já estava a lecionar na mesma escola, dirigi-me com facilidade à sala de aula. Apesar desta destreza, senti igualmente a expectativa, receio e ansiedade pela nova experiência que estava prestes a começar. O professor cooperante, apresentou-me explicando que eu também iria lecionar algumas das aulas sempre na sua presença. Como para este dia estava prevista a observação da aula dada pelo cooperante, dirigi-me para o fundo da sala sentando-me na última fila e registando nas notas de campo tudo o que estava ser realizado.

Iniciou a aula projetando o sumário (*Entoação e execução na flauta da canção “As Ceifeiras”*¹⁴, *Continuação da aula anterior*); posteriormente perguntou à turma se ainda se lembravam do que tinha sido dado na aula anterior e, praticamente todos os alunos responderam afirmativamente. Para relembrar o tema, o professor dividiu o plano em duas partes, em primeiro lugar colocou no quadro interativo a partitura (anexo 1) e logo de seguida o áudio, tocando juntamente flauta doce. Em segundo lugar, pediu à turma para entoarem a canção com o texto e interpretarem a melodia também no mesmo. O exercício seguinte implicou cantar com nome das notas (dó, lá , sol e o si) dando, com esta atividade a aula por terminada. *“Através das canções o aluno explora o mundo circundante e cresce, do ponto de vista emocional, afetivo, e cognitivo. Assim ele cria e recria situações que ficarão gravadas em sua memória e que poderão ser reutilizadas quando adultos”* (Pfutzenreuter 1999:5), citado por Gonçalves, (2010, pp. 33).

Nesta aula a classe demonstrou um bom comportamento, facto que me intrigou por parecer algo forçado. Assim, abordei o professor cooperante, em relação à conduta da turma, para posteriormente poder planificar as minhas atividades. Confrontado com esta pergunta, o cooperante esboçou um sorriso, dizendo apenas que os alunos tiveram aquela atitude, por estar presente um elemento novo na sala, e por lhes ter dado um aviso prévio em como eu seria professora e que iria avaliar juntamente com ele. Neste diálogo com o cooperante, uma vez que a turma era irrequieta, alertou-me para que fosse rígida com eles, reforçando que existiam dois elementos que ainda prejudicavam mais o bom funcionamento das aulas. Ainda na conversa com o professor, questionei-o acerca do tipo de atividades e conteúdos que pretendia que eu desenvolvesse com a turma ao longo da PES. Respondendo que nas aulas seguintes seria ele a lecionar, pois pretendia que os alunos assimilassem o conteúdo da aula anterior, nomeadamente os da aula de observação, e que me avisava atempadamente.

Na aula seguinte, quatro de Março, assim que cheguei à sala deparei-me com o alvoroço da turma, tendo comentado com o professor enquanto esboçava um sorriso:

¹⁴ Anexo 1

“Estás a ver Sara! Como eles são bem comportados? Aquele comportamento foi no primeiro dia”, (nota de campo, 4 de Março de 2011).

Nesta aula, o plano seguido pelo professor teve um fio condutor muito parecido com a aula anterior, diferenciando apenas a parte prática. Os alunos executaram o tema na flauta um a um, tocando pela partitura que o professor projetou. Para finalizar, alertou-os para o comportamento nas aulas seguintes, uma vez que iriam ser lecionadas por mim. Após a aula, perguntei ao cooperante, o que gostaria que eu planeasse para as aulas seguintes, ao que me respondeu que era ao meu critério, pois ele não estava a utilizar qualquer sequência de conteúdos ou metas de aprendizagem definidas para este ciclo de ensino. Naturalmente esta perspetiva dificultou a minha preparação das aulas seguintes uma vez que não tive acesso aos planos das aulas anteriores. Tal como nas aulas que observei optei, por dar continuidade ao estudo da flauta doce, com a seguinte peça *“Escrevem-se na pauta”*¹⁵, para inserir uma nova nota, designadamente o MI.

No dia onze de março, dirigindo-me ao estabelecimento para lecionar a minha aula planificada anteriormente, deparo-me com a sugestão do cooperante para a minha PES, uma vez que tinha dois alunos com dificuldades de concentração, comportamento e desmotivação, sugeriu-me para que apoiasse os mesmos. Pois, as seguintes aulas continuariam a ser lecionadas por ele, inclusive esta, e que eu iria dar o apoio sugerido pelo mesmo. Respondi-lhe que tinha que consultar a minha orientadora da PES, para averiguar esta possibilidade. Após a aula entrei em contato com a minha supervisora expondo-lhe a situação, ao que me respondeu positivamente reforçando a concordância com o cooperante. Dirigindo-me aos alunos, informei-os que os iria acompanhar e apoiar em todas as atividades e dificuldades que apresentassem, ao qual responderam:

Primeiro aluno: *“ eu não preciso de ninguém!”*, e o segundo aluno *“ eu também não...”* (nota de campo, 11 de Março de 2011).

No seguimento da aula reparei que estes alunos, estavam completamente desmotivados, não levando o material necessário para a execução da aula e nem prestando atenção às explicações do docente. Tal como refere Gonçalves, (2010, pp. 27) *“Todas as crianças nascem artistas, mas a dificuldade está em continuar a sê-lo quando crescem”*. Neste sentido, tive que delinear um plano para que as atitudes dos mesmos fossem alteradas, e ainda nessa aula pedi-lhes para que nas aulas seguintes trouxessem os materiais necessários, ao que comentaram em tom de gozo:

¹⁵ Ver anexo 2

“Tá bem professora, prá próxima aula tá ca” (nota de campo, 11 de Março de 2011).

Finalizada a aula, dirigi-me ao cooperante dizendo-lhe que já tinha algumas ideias para colmatar este desinteresse de ambos, visto que ele tinha referido anteriormente que utilizou várias estratégias e nada deu resultado. Segundo Fonseca (1984), “Para que seja conseguido um desenvolvimento pleno das suas capacidades é fundamental fornecer a estas crianças uma intervenção educativa especializada, assim como meios e cuidados especiais, que variam consoante as necessidades específicas de cada uma”. Concluindo esta ideia, decidi utilizar como estratégia as dificuldades de relação, problemas emocionais e de comportamento, pois era o que os alunos apresentavam segundo a docente e o cooperante. Assim, facilitou o trabalho na pesquisa para este, tendo como varias opções. Para interagir com eles, de uma forma suave optei por cativá-los em relação ao material necessário para a sala de aula, e depois de esta etapa estar concluída tentar com que estivessem atentos e demonstrassem gosto pela aula. No dia dezoito de março, a aula foi substituída pelo dia da Árvore.

No dia vinte e cinco de março, o cooperante planeou para esta aula entregar uma ficha¹⁶ de consolidação de conteúdos para rever as figuras musicais com som, a semínima; as colcheias e a mínima, entregando cópias a todos os alunos. Seguidamente, sentei-me ao lado dos alunos que estava a apoiar, estavam juntos na mesma mesa ao fundo da sala, perguntando-lhes se precisavam de ajuda. Ao qual nenhum me responderam:

Primeiro aluno “*Que seca!*”, e o segundo aluno “*Eu vou mas é pintar*”,(nota de campo, 25 de Março de 2011).

Visto o interesse destes pela pintura, optei como forma de os motivar para os conteúdos, desenhar numa folha branca, as figuras musicais em forma de bonecos¹⁷, para estimular a sua atenção pois “*Quando há alguma alteração em algum destes níveis é necessário recorrer a um meio de comunicação alternativo ou aumentativo que facilite a expressão de necessidades básicas e estabilize um processo de linguagem.*” (Collier,1990, pp. 67). Dando a aula por acabada, o professor dirigiu-se a mim perguntando o que achei, explicando ao cooperante o método utilizado, perguntando também o que iria dar na próxima aula, na qual disse que iria concluir a ficha.

No dia um de abril, o professor continuou os exercícios da aula anterior. No início da aula, sinto alguém tocar-me nas costas, era um dos meninos a dizer que já tinha o material pedido. Na sequência do que o docente tinha dito, decidi trazer material mais apelativo para os motivar,

¹⁶ Ver anexo 3

¹⁷ Ver anexo 4

trazendo uma pequena história das figuras musicais.¹⁸ No propósito desta, foi contada e acompanhada com imagens, na qual os alunos demonstraram interesse e interagiram com a mesma.

Primeiro aluno, “ *Prussora, já trouxe o caderno, é isto?*”, segundo aluno, “ *Eu não trouxe, mas amanhã já tenho*”.

O cooperante dirigindo a mim, felicitou-me pelo trabalho desenvolvido naquela aula, pois tinha conseguido que um deles trouxesse o material e ambos demonstrassem interesse pelas atividades. Referiu também que iria dar na próxima aula, a canção da Páscoa¹⁹ “*Coelhinho da Páscoa*”, para não me preocupar com esta, devido ao ser a última aula do período.

No dia oito de abril de 2011, deu-se a aula seguinte, que mal entramos na sala o segundo aluno mostrou-me de imediato o material para a disciplina. Dando início à aula, como habitual o professor projetou o sumário. Seguidamente, explicou e entoou a canção ao resto da turma, perguntei aos dois meninos se queriam cantar ou fazer outras atividades, eles responderam que queriam fazer fichas como a da aula passada, como não tinha nenhuma cópia, inicialmente decidi fazer um jogo didático de figuras musicais, para cativar o interesse destes e posteriormente usei como estratégia, visto eles demonstrarem interesse pela pintura, dando-lhes um desenho alusivo à canção²⁰ acompanhado de figuras musicais, como se vê na imagem. Agradou-me bastante que eles se tivessem interessados pela aula, visto que um dos meus objetivos era fazer com se sentissem integrados na turma, querendo por vontade própria fazer as atividades com os restantes colegas. Portanto, esperei que nas aulas seguintes, se notasse uma maior evolução no comportamento e aproveitamento.

¹⁸ Ver anexo 5

¹⁹ Ver anexo 6

²⁰ Ver anexo 7

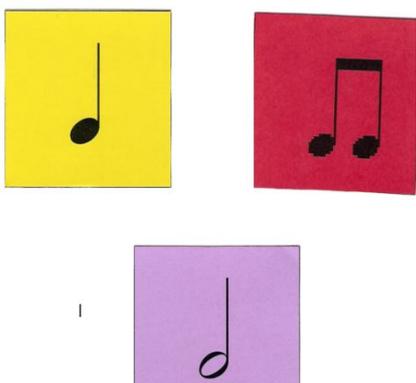


Imagem 1– Jogo didático sobre

figuras rítmicas

Coelhinho da Páscoa

Coelhinho da Páscoa

Que trazes para mim?

Um ovo, dois ovos, três ovos assim (2x)

Coelhinho da Páscoa

Que cor eles têm?

Azul, amarelo, vermelho também (2x).|

Imagem 2 – Canção da Páscoa

Com o dia da mãe a aproximar-se o professor Luís trouxe uma canção “ *Não há mãe melhor que a minha*”, adaptada a uma canção “ *Não há estrelas no céu*”²¹, para o dia vinte e nove de abril de 2011. Mal os alunos ouviram a canção adoraram, pois esta era-lhes familiar, foi só decorar a letra. Tenho a dizer sobre os alunos com quem estou a trabalhar, até ao momento estão a ter melhorias, maior interação com os restantes colegas e com os professores, trazendo todo o material necessário para a aula (o caderno, a flauta e o livro que o município dispensou para cada um); mais ativos, querendo participar e por vezes fazer os exercícios no quadro.

Canção para o dia da Mãe

Não há mãe melhor que a minha, |

Sinto-a no coração,

Por mais amigos que tenha

Ela está sempre a mão.

Imagem 3 – Canção do dia da Mãe²²

Durante o meu estágio participei num projeto que o Município de Macedo de Cavaleiros promove todos os anos, Eco Escolas ²³ que iria ser realizado no dia 7 e 8 de Junho de 2011.

²¹ Do cantor Pop/ Rock, ver anexo. Rui Veloso, compositor e intérprete (voz e viola). Um dos principais protagonistas do movimento de expansão da música rock cantada em português, vulgarmente designado por rock português.(...) Apesar de se identificar sobretudo com o *blues*, a constante atenção a outros estilos musicais foi determinante para o desenvolvimento do seu estilo composicional. Em 1976 conheceu Carlos Tê, que se tornou o autor das lestras da maioria das duas canções (...). (...) *Sei de uma camponesa* e *Chico Fininho* constituíram os primeiros exemplos que viabilizaram a edição do fonograma *Ar de Rock (1980)*(...)(...) O enorme acolhimento do seu vasto repertório valeu-lhe inúmeros prémios e galardões, destacando-se: os múltiplos Discos de Platina; (...) uma Medalha de Mérito da Cidade do Porto; Um globo de Ouro; um Troféu Nova Gente; um Prémio Homenagem da 1.ª Edição do Festival Gaia Blues. TILLY, António.pág.1322/1323. CASTELO-BRANCO, Salwa.

²² Ver Anexo 8

Então, no dia seis de maio, o professor cooperante apresentou a canção da água²⁴, pois referiu que como era uma atividade da turma seria melhor ser ele a preparar. A aula centrou-se na aprendizagem da letra e melodia da canção. O cooperante pediu-me para que me juntasse a ele a tocar flauta doce, quando isso aconteceu os dois alunos ficaram desanimados, vi na cara deles o desagrado visto não estar tão próxima deles, então disse-lhes se queriam vir para ao pé de nós ou se queriam ficar no lugar deles, ao qual responderam que preferiam ficar no lugar, mas comigo lá como nas outras aulas. Desta forma, ia-me aproximando destes, para que os mesmos interagissem com a turma. No fim da aula, o professor chamou-me dizendo que as seguintes aulas iriam ser dadas por mim, isto porque o cooperante observou que os alunos já estavam participativos e enquadrados na turma.

A primeira aula que lecionei à turma, foi no dia treze de maio. Como o cooperante me disse na aula anterior. Devido, aos alunos estarem a praticar flauta, defini a aula como planeada, sendo, ensinar a nota *mi* com a canção *Escrevem-se na pauta*. As estratégias que arranjei foram as seguintes: apresentar a canção, com uma breve história sobre três notas, *Sol, Mi e Lá*, seguidamente começar a explicar, em posição de descanso a dedilhação da nota *mi* na flauta doce, fazendo alguns exercícios de imitação, de improvisação e de gesticulação para conseguir dominar bem as posições, um a um e depois todos juntos, para que não fosse tão monótona a aula; e por último aprendiam a letra e a melodia da canção.

Chegou o dia da aula, confesso que ia um pouco nervosa, pois seria a minha primeira aula enquanto estagiária. Então, quando me aproximei da sala, os meninos por mim apoiados, vieram logo ter comigo para me dar um abraço de bom dia. Entrei na sala, coloquei o material todo como devia ser e esperei que tocasse para a entrada. Tocou e os alunos entraram, sentaram-se, colocaram o material em cima da mesa, e perguntaram se iria ser eu a dar a aula, em que eu respondi afirmativamente. Comecei por explicar, o que consistia a aula, alguns alunos, questionaram, se a pauta tinha flores em vez de notas, eu sorri para eles dizendo-lhes que esperassem pois a história iria explicar tudo. Tudo o que planeei para a aula foi executado na perfeição, aliás não esquecendo de dizer, que foram os primeiros a querer fazer os exercícios por mim expostos, sem vergonha ou preguiça alguma. Fiquei contente, porque consegui com que eles se tornassem autónomos e pedissem para participar, o professor cooperante disse que até ao momento os meninos não pareciam os mesmos do início do ano, e dei por terminada a aula após o toque.

²³ Um festival promovido pelo município de Macedo de Cavaleiros, para a promoção da reciclagem, em que este ano ao 2º ano, calhou o tema da água.

²⁴ Ver Anexo 9

Na aula seguinte, vinte de maio de 2011, dei continuidade à matéria lecionada na aula anterior. Com entoação da canção e dos seguintes exercícios: os alunos cantam a canção na totalidade, que difere na parte do refrão, a primeira vez é cantado e na segunda vez é tocado, com as notas apresentadas na peça, e assim sucessivamente. A turma, demonstrou bastante entusiasmo pela atividade exposta. Não esquecendo os dois meninos, que quiseram participar na atividade, contentes e maravilhados com a canção e até com o manuseio da flauta. Pois bem, expliquei à classe que continuávamos na aula seguinte para aperfeiçoar a atividade com mais exercícios, visto que era a minha última aula como estagiária nesta turma e neste ciclo, assim, falei com o cooperante se era necessário preparar outro tipo de atividade, ele respondeu que não era necessário, pois estava a terminar o meu estágio, que continuasse com o tema por mim apresentado e que fizesse outros tipos de exercícios.

“Que fixe, professora a aula!”; “Amanhã quero continuar outra vez.”; “Professora quando chegar a casa vou tocar à minha mãe, pois gostei muito”. (nota de campo, 20 de Maio de 2011).

O último dia de estágio seria no dia vinte e sete de maio de 2011. Na sala, à espera dos meninos, fui preparando a atividade para que tivesse um pouco mais de tempo, pela seguinte ordem, decidi dividir a turma em três grupos, em que cada um corresponde a uma nota, *Sol*, *Mi* e *Lá*, ou seja, o grupo da direita tocava e cantava a nota *Sol*; o grupo do meio tocava e cantava a nota *Mi*, e por último o grupo da esquerda tocava e cantava a última nota, o *Lá*, sempre exemplificando com a minha flauta doce em posição de descanso. Mas, como os dois meninos estavam interessados e como estavam um pouco atrasados em relação à turma, decidi que seria melhor demonstrar com os meus dedos na flauta., pois cada um tem o seu tempo de aprendizagem, e coube-me a mim fazer com que se sentissem incluídos participando nas atividades expostas.

Na seguinte atividade decidi trabalhar com eles, o jogo da cadeira, sempre com precaução pois podiam magoar-se, sendo que fazíamos uma roda com as cadeiras, os meninos tinham que cantar e tocar a canção juntamente com o áudio, quando parasse o áudio de tocar teriam que se sentar, e quem ficasse de fora perdia. A classe na totalidade aderiu muito bem à atividade, ficando muito entusiasmada querendo fazer o jogo logo de seguida. Dei a aula por terminada, alguns alunos quiseram repetir o jogo vezes sem fim, mas era impossível pois já tinha tocado para sair.

“Professora, vamos fazer mais uma vez, por favor, por favor”; “anda lá professora, foi tão fixe esta aula” (nota de campo, 27 de Maio de 2011).

Dou por terminado, este estágio, não só pela idade como pela etapa em si, pois aprendi muito em como lidar com crianças de vários interesses, fazendo com que eu crescesse enquanto futura docente. E, na importância de incluirmos todos os alunos na sala de aula, sendo que exige de nós

um pouco mais, devido ao termos que procurar várias estratégias e soluções, para que todos estejam interessados. “ *A música é uma forma de manifestação artística e estética, e a beleza da criação musical é fundamental para o enriquecimento da vida humana*”(Nye,1985, pp. 15).

4. Experiências da Prática de Ensino Supervisionada no 2º e 3.º ciclo do Ensino Básico

4.1 Caracterização do contexto



Figura 6 - Mapa de localização de Bragança

Bragança é um distrito do nordeste de Portugal, pertencente à região de Trás-os-Montes e Alto Douro, desigualmente distribuídos por 49 freguesias. É uma cidade limitada a norte e a leste com Espanha, rodeada por Vinhais, Macedo de Cavaleiros e Miranda do Douro. Esta cidade tem um património rico em termos religiosos sendo eles: as Igrejas da Misericórdia, de São Bento, de São Vicente, ou o Convento e a igreja de São Francisco, fora do centro encontramos a importante Igreja do Mosteiro de Castro de Avelãs do século XII. É uma bonita cidade histórica, com forte legado medieval, onde a tradição é acarinhada e continuada, como se pode observar nos variados trabalhos artesanais, de tecelagem, couro, burel, olaria, cestaria ou cobre, ou na típica e deliciosa Gastronomia transmontana.

4.2 Caracterização da Escola e Meio envolvente



Figura 7 - Mapa localização



Figura 8 – Escola E.B 1/2/3 Augusto

Moreno

Por proposta da Câmara Municipal de Bragança, em 1968, foi criada a primeira Escola Preparatória do Ensino Secundário e tendo sido atribuído o nome do professor Augusto Moreno. Como, em 1995, a Escola Preparatória, passou a receber, também, alunos do 3º ciclo, mudou-se o edifício do centro da cidade, para um outro recente e moderno na Avenida General Humberto Delgado, construído em meados da década de 80. Em Setembro de 1997 passou, formalmente, a Escola do Ensino Básico do 2º e 3º ciclos e em Julho de 2003 assumiu a liderança do Agrupamento de Escolas Augusto Moreno. As atuais instalações são constituídas por um edifício central, balneários e campo de jogos exteriores, parque de estacionamento e, ainda, uma pequena casa anexa. No edifício central situam-se as salas de aula, os espaços sociais e desportivas, e os serviços sociais. As dimensões das salas de aula são variáveis, algumas das quais pequenas. A escola é dotada de uma Biblioteca bem equipada, um auditório criando condições adequadas a várias atividades pedagógicas e culturais, dispõe de uma sala de Informática equipada com a tecnologia necessária; de três salas dotadas de quadros interativos. Para as aulas de Educação Musical, estão destinadas duas salas, a nº 33 e 34, em que uma delas está equipada com uma despensa que dispõe instrumentos musicais.

O Agrupamento de Escolas Augusto Moreno integra dois Jardins de Infância, vinte escolas do 1º ciclo e a EB 2,3 Augusto Moreno – escola sede do Agrupamento. A escola sede está situada, num lugar central, face aos principais equipamentos urbanos. Mas, nos dias de hoje, este conteve alterações devido à reorganização escolar, pedido pelo Ministério da Educação, deixando de ser agrupamento, passando a integrar no Agrupamento de Escolas Abade Baçal. Devido a reorganização, o atual agrupamento é constituído da seguinte forma:

Escola E.B1 de Santa Comba de Rossas; E.B1 do Tournal; Escola E.B1 do Bairro Artur Mirandela; E.B 1,2,3 Augusto Moreno; E.B1 do Bairro das Cantarias; Escola E.B1 de Parada; E.B 1,2,3 de Izeda; Escola E.B1 do Bairro da Mãe d'Água.

4.3 Caracterização da Sala

As salas de aula de música na Escola Augusto Moreno na qual realizei o meu estágio foram a salas de Música 1 e 2 . A sala 1 parece ter um formato retangular, com um corredor logo à entrada, é bastante ampla com muitas boas condições acústicas e de luminosidade, enquanto a sala 2 é pequena de formato retangular com pouca acústica, devido aos vidros que tem, mas dando-lhe bastante luminosidade. As boas condições acústicas da sala 1, ocorrem devido a sala ser toda revestida com cortiça nas paredes, disponibiliza de uma arrecadação onde todo o material é armazenado, todos os instrumentos disponíveis de altura definida e indefinida, as flautas doce da escola, e ainda um *djembé* e algumas violas. Possuem equipamentos eletrónicos, nas quais são: um computador, uma aparelhagem e um projetor, este encontra-se colocado por cima da secretária do professor, sendo os diapositivos projetados, num dos quadros brancos nomeadamente o do lado direito, que a sala contém. A figura seguinte, dá-nos uma visão do espaço descrito:

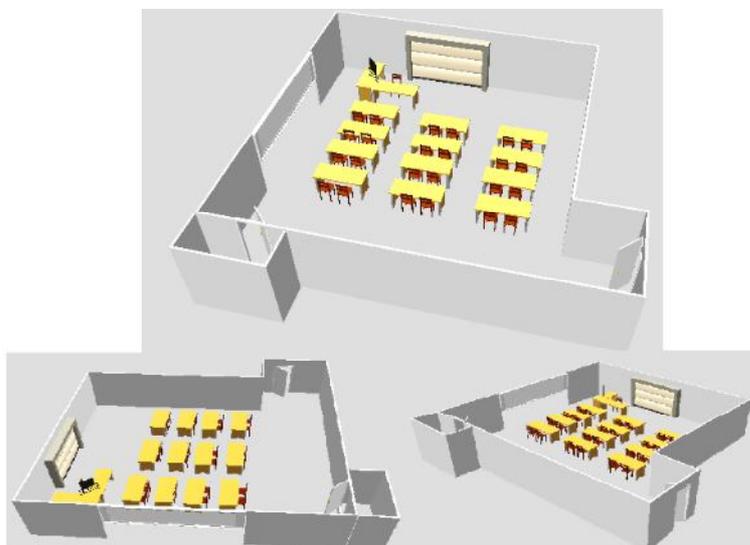


Figura 9 - Planta da sala 1, em 3D

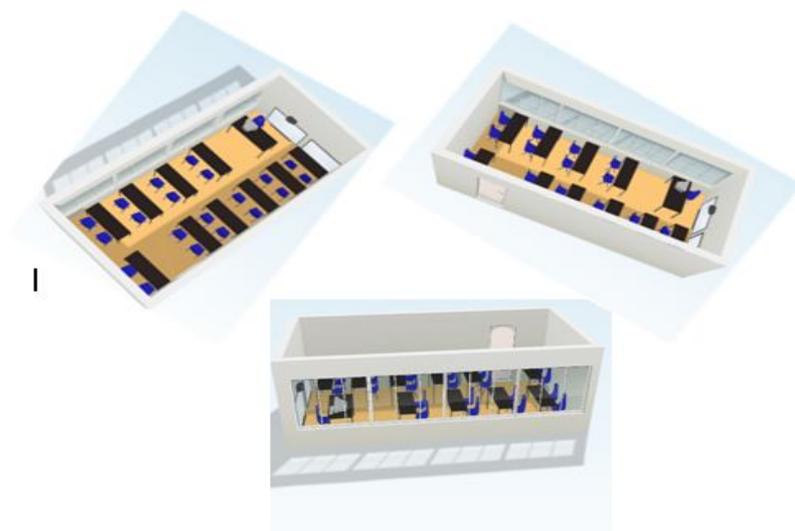


Figura 10 – Planta da Sala 2, em 3D

<i>Instrumental Orff</i>	Percussão de altura definida: <i>Lâminas</i>
<i>Jogo de sinos</i>	3
<i>Metalofone</i>	
Soprano	2
Alto	1
Baixo	1
<i>Xilofone</i>	
Soprano	3
Alto	3
Baixo	1

Tabela 4 - Percussão de altura definida

<i>Instrumental Orff</i>	Instrumentos de altura definida <i>Sopros, Cordas e Teclas</i>
<i>Flauta de Bisel</i>	5
<i>Cordas</i>	
Viola	3
Cavaquinho	10
<i>Teclas</i>	
Teclado	1

Tabela 5 : Instrumentos de altura definida

<i>Instrumental Orff</i>	Percussão de altura indefinida
<i>Guizeria</i>	5
<i>Ferrinhos</i>	4
<i>Reco - Reco</i>	2
<i>Clavas</i>	4 Pares
<i>Prato Suspenso</i>	1
<i>Bombo</i>	1
<i>Djembé</i>	1

Tabela 6 : Percussão com altura indefinida

4.3 Introdução

O presente capítulo pretende explicar, contextualizar e refletir sobre todo o trajeto do estágio de 2º e 3º ciclo do Ensino Básico, desenvolvendo ideias, estratégias e esquemas pretendidos para a elaboração desta etapa.

O meu relatório de 2º ciclo do Ensino Básico é sobre a turma de 6º, que é constituída por vinte e quatro alunos, com a carga horária de noventa minutos, mais quarenta e cinco minutos (cento e trinta e cinco minutos, no total). A minha *PES*, ocorreu durante os meses de novembro a fevereiro, no horário de quarenta e cinco minutos à quinta –feira, mais concretamente das 12 horas até às 12 horas e 45 minutos, sempre acompanhada pelo meu professor cooperante, Artur Fernandes. Sendo formada por alunos previamente inscritos e selecionados com vocação específica para a música, tendo como objetivo funcionar como turma de ensino articulado da música, não se concretizando por falta de financiamento conforme estava previsto.

Passo a explicar, o estágio de 3º ciclo, pois foi no mesmo agrupamento e com o mesmo cooperante. A turma do estágio é o 7º, é constituída por dezassete alunos, com uma carga horária de noventa minutos, no horário das 10 horas e 20 minutos até as 11 horas e 05 minutos,

na qual lecionava nos dois dias, à terça – feira e à sexta – feira, a pedido do cooperante. Não esquecendo de referir que esta estava dividida, em que alguns alunos tinham Música e outros tinham Educação Tecnológica (ET).

Portanto, irei explicar, tal como anteriormente a contextualização do meio envolvente, do meio escolar, das turmas. Resumindo também, as estratégias usadas por mim, experiências, fazendo uma descrição de todo o percurso nestes ciclos, concluindo todo o meu caminho enquanto estagiária.

4.4 Caracterização da turma do 2º ciclo do EB

A turma é constituída por vinte e quatro alunos, onze do sexo masculino e treze do sexo feminino.



Tabela 7 – Contabilização dos alunos por género e idade

A maioria dos alunos reside em Bragança e deslocam-se para a escola, umas vezes a pé, outras vezes de carro e ainda outras de autocarro. Alguns alunos são irrequietos, muito conversadores, o que prejudica o normal funcionamento das aulas e conseqüentemente o processo de ensino-aprendizagem²⁵.

²⁵ Retirado do PCT

4.4.1 Descrição das experiências letivas

Neste ponto vou descrever o estágio do 2º ciclo, relatando duas aulas observadas e as restantes lecionadas. A pedido do cooperante devido à chegada das avaliações, parte da aula era lecionada por ele, pois este tinha que fazer avaliação de fim de período. Há que referir, também, que apanhei esta turma no final do mesmo, logo encontrei a turma bastante avançada em termos de material para a festa de Natal e Reis, então as minhas ideias e estratégias basearam-se nestas festividades juntando-se à matéria dada pelo docente. Em que, o professor mais tarde me sugeriu para ensaiar com eles, canções para um teatro que ele estava a preparar, sobre judeus e Hitler para a Páscoa, então pediu-me duas canções uma de carácter melancólico e outro alegre para se enquadrarem na dramatização.

No dia dez de Novembro de 2011, foi o meu primeiro contato com a minha turma de estágio de 2º ciclo, o 6º. Visto que já tinha estado lá dias antes, dirigi-me logo à sala correspondente, na qual já se encontrava o docente. O professor alertou-me para o comportamento e a aprendizagem da classe. Dizendo que a nível de aproveitamento era uma turma boa, pois alguns alunos andavam no conservatório e outros no clube dos violinos, por ele formado, a nível de comportamento eram muito faladores e irrequietos. Observando a aula confirmei o que o docente anteriormente me tinha informado. O cooperante começou por me apresentar, dizendo que eu era a estagiária da disciplina de Educação Musical e que vinha a todas as aulas de Quinta-feira. De seguida, o professor deu início à aula com os cavaquinhos, flauta doce, com o devido instrumental orff e Djembé, com a canção “castanhas quentes e boas”²⁶ que estariam a ensaiar para os Reis. Para relembrar o tema, o professor começou a tocar e eles começaram logo a acompanhá-lo, tanto a tocar como a cantar. As duas aulas de observação, cingiram-se apenas aos ensaios para a festa de Natal e Reis. Para finalizar a aula o professor afirmou que as seguintes aulas iriam ser lecionadas por mim, e que teriam de me respeitar de igual forma. A pedido do cooperante, a minha pesquisa foi a procura de peças de carácter tradicional, estas para serem tocadas pelos alunos nos instrumentos atrás referidos, e para apresentarem na festa final de período.

Na aula do dia vinte e quatro de novembro de 2011, preparei a aula com as seguintes estratégias: dar a conhecer aos alunos a canção que escolhi; depois mostrar a letra adaptada no quadro interativo, a questão do uso deste foi para captar a atenção da turma, e por fim a parte instrumental, como acompanhamento, visto ser fundamental para a ajuda da compreensão do tema (cavaquinhos, violas e flauta doce). Como era hábito já anteriormente, eu segui este fio condutor, uma vez que é fundamental eles reverem as matérias dadas. Utilizei uma canção de

²⁶Ver anexo 10

caracter tradicional “*Riu Piu Piu*”²⁷, na qual utilizei youtube²⁸ para ouvirem e visualizarem o tema, todos responderam que não conheciam inclusive o professor cooperante. Expliquei-lhes de seguida, que não ia ser aquela a letra, mas sim uma sobre o Natal, apresentado em formato Word. Pedi a ajuda deles, em relação aos instrumentos e ao canto, visto que nem todos tocavam, então alguns alunos cantaram, outros tocaram flauta, percussão, cavaquinhos e violas. Nesta aula, a turma foi dividida em dois grupos, na qual o cooperante ficou com o grupo dos instrumentos harmónicos, e eu fiquei com o outro grupo da melodia, incluindo as vozes e a flautas. Enquanto alguns passavam a letra, os instrumentistas começaram a ensaiar e a encaixar a parte harmónica, de seguida, enquanto ensaiavam em silêncio os acordes, comecei por explicar a métrica e a melodia da canção aos cantores, pois como já lhe era familiar pois já tinham visto anteriormente, foi de rápida assimilação. Então, depois de várias vezes entoada a canção, juntei a turma toda, os cantores de um lado e os instrumentistas de outro, e o ensaio em conjunto começou até ao final da aula. O tempo era escasso pois devido aos feriados e aproximação da festa de Natal, apenas restava mais aula para rever todas as peças para a festividade. O cooperante felicitou-me pela aula, dizendo que não era fácil devido os alunos assimilarem com facilidade a matéria, disse também que para a próxima aula, não trouxesse nada de novo pois iria ser ensaios.

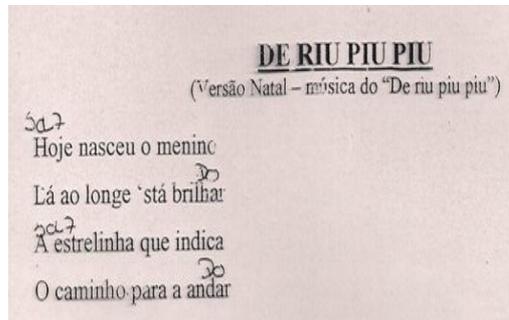


Imagem 4 – Excerto da peça para os Reis

No dia quinze de dezembro foi uma revisão de todas as músicas para o dia a seguir. No fim da aula, o cooperante pediu-me que para o próximo período, trouxesse dois temas em tempo

²⁷ Ver anexo 11

²⁸ www.youtube.com/watch?v=IpKaZkTjv1M

composto, porque, iria começar o 2º período com essa matéria ajudando também para a peça de teatro, que estavam a preparar, referindo que arranjasse um tema melancólico e outro alegre.

Passarei a descrever o teatro para apresentar no final do 2º período. Utilizando as seguintes canções “Hine ma tov”²⁹ e “Kookaburra”, com ajuda de colegas mais experientes. A história chamava-se “o menino do pijama às riscas”, baseava-se num menino sozinho, que ficou sem família e que fez de tudo para encontrar alguém que lhe desse conforto e apoio, durante e após os confrontos com as tropas de Hitler e com os judeus. A ideia do professor cooperante, era fazer com que esta peça não fosse tão pesada, como estava no guião.

Tal como pedido, a minha escolha, cingia-se numa peça de carácter melancólico que estivesse relacionada, um pouco com os judeus, a histórias deles, e a outra peça mais alegre, como fosse um alívio e alegria, devido a “guerra” ter acabado. Para mim o período começou no dia doze de janeiro de 2012, à mesma hora de sempre, apresentando a canção para a peça de teatro, uma canção tradicional israelita. Como referi anteriormente, o cooperante já tinha iniciado o compasso composto, eu fiz uma breve abordagem a este. Comecei por explicar o que iríamos fazer nesta aula; cantar uma canção israelita, que poderíamos optar pela letra original ou pela letra em português, que ao longo da aula, conjuntamente decidiríamos pelo que optávamos. Pedi-lhes que fossem buscar duas guitarras, o bombo e o djembé. Mostrei a partitura da canção, no projetor, na qual eles mencionaram logo que era fácil, pois já tinham aprendido as figuras todas, que lá se encontravam dizendo também que a peça estava em Ré menor, dando a melancolia necessária.

“Professora e o que é a melancolia?”; “E o que é Ré m” ,(nota de campo, 12 de Janeiro de 2012)

Passei por esclarecer todas as questões por eles expostas, dando seguimento à aula. Dei início ao estudo do ritmo na flauta; depois entoamos a canção com a letra original, a aprendizagem desta foi um pouco lenta, devido a ser uma língua desconhecida do quotidiano dos alunos, nomeadamente as seguintes palavras (a- chim e schad); após a assimilação da melodia, começamos a preparar o acompanhamento, as guitarras acompanhavam apenas com os acordes, o bombo e o djembé reproduziam a pulsação. Logo depois do tema ser apresentado, começaram a surgir os primeiros comentários:

*“Professora, esta canção é mesmo bonita”; “ Podemos tocar outra vez?? Sim sim(...)”,
(nota de campo, 12 de Janeiro de 2012)*

²⁹ Ver anexo 12

Notando que os alunos queriam passar por todo o instrumental, utilizei uma nova estratégia: dividir a turma em três grupos, para que assim pudessem passar todos por eles, o primeiro grupo era a flauta; o segundo a voz e o terceiro e último a percussão. Da seguinte forma: iniciava a percussão, tocando quatro compassos, depois juntava-se a flauta mais quatro compassos e por fim a voz, que ao estar o grupo todo completo executamos a peça na totalidade, caso achasse-se que estava tudo bem, os grupos alternavam. Os alunos aderiram bem, a este jogo, depois do plano de aula concluído e visto restar um pouco de tempo antes do término da aula, projetei o vídeo.

Quando tocou a campainha, os alunos saíram a cantar da sala, e o professor cooperante dirigiu-se a mim dando-me os parabéns, pois disse que a aula correu muito bem, e que estava impressionado, pois os alunos demonstraram bom comportamento, em relação às aulas anteriores, mencionando até num tom de riso, que os meninos gostavam mais de mim do que dele. Sugerindo-me que para a seguinte aula trouxesse a outra peça.

The image shows a musical score for the song "Hine ma tov". The title is centered at the top in a light blue font. Below the title, it says "Mel. trad. Israel". The score is written on two staves of music. The first staff is marked with a box containing the number "1" and has the lyrics "Hi - ne ma tov u - ma - na - yim, She - vet a - chim gam ya - chad. ya - chad." below it. The second staff is marked with a box containing the number "2" and has the lyrics "Hi - ne ma - - - - - tov She - vet a - chim gam ya - chad. ya - chad." below it. Both staves have a treble clef and a key signature of one flat (Bb). The time signature is 6/8. There are first and second endings indicated by brackets and numbers "1." and "2." at the end of each staff.

Imagem 5 - Partitura da peça 1.

Na aula seguinte, dezanove de janeiro de 2012, como pedido na aula anterior, levei a outra canção que o professor me pediu, intitulada por “*Kookaburra*”³⁰, uma canção tradicional da Austrália. Nesta aula, os alunos fizeram-me uma surpresa, entraram na sala a cantar a

³⁰ Anexo 12, junto com a anterior.

melodia da aula anterior. Comecei a aula, visto que eles já tinham cantado a canção não valia a pena estar a repetir novamente, e expus o que iríamos fazer nesta aula. Apresentando a peça, perguntando-lhes se sabiam o significado desta palavra, ao qual responderam que não. Comecei por explicar que era um animal, nomeadamente um pássaro, do Sul da América; dizendo também que esta canção também é em compasso composto, mais alegre em relação à anterior, diferenciando na língua, pois esta estava em Inglês. Depois de entoada, alguns alunos referiram que já conheciam, mas de outra maneira, dizendo que não era bem igual, desta forma a letra já lhes era familiar, facilitando a aprendizagem da mesma, na qual recai mais na parte instrumental. O exercício foi parecido com o trabalho realizado na aula anterior, portanto os alunos já pareciam familiarizados com o meu método.

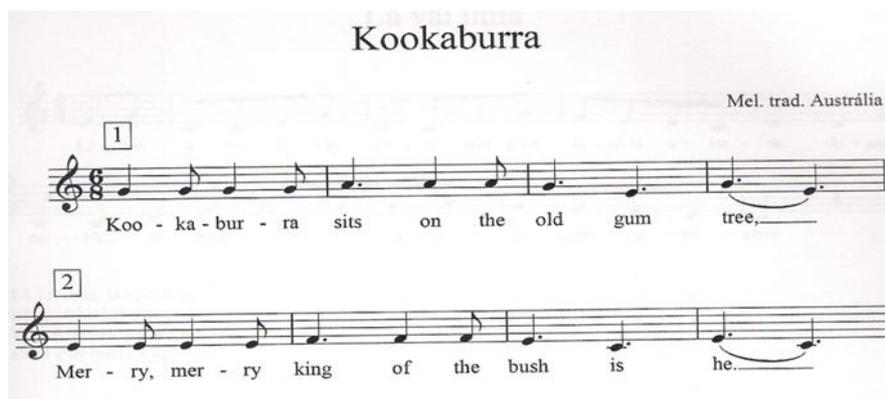


Imagem 5 - Partitura da peça 2.

Nas próximas aulas, o professor cooperante pediu-me que continuasse, com estes temas, visto que eram as últimas aulas que iria lecionar, porque a minha PES estava na reta final. As aulas foram o dia vinte e seis de janeiro e dois de fevereiro de 2012, foram revisões das aulas lecionadas anteriormente. Modifiquei as estratégias anteriormente planeadas na aula do dia 12 de Janeiro, planeando-a da seguinte forma; como os alunos gostavam de executar os instrumentos, decidi utilizar como estratégia a parte rítmica na introdução da peça, posteriormente juntar a voz mais as flautas, e para terminar a execução da peça optei por colocar apenas a parte instrumental, tal como no início, diferenciando apenas na voz realizando um sussurro, com a palavra (hum), para dar mais melancolia à peça. Dou por terminada a aula, e este ciclo, o ciclo que fez com que os próprios alunos me estimulassem como estagiária, a nível de procura de material didático. Pois, a turma, estava acima das minhas perspectivas, o que de

facto me deu gozo trabalhar com eles. Não esquecendo também da ajuda do cooperante, que foi sempre excelente para com a minha a pessoa.

5. Experiências da Prática de Ensino Supervisionada no 3º ciclo do EB

5.1. Caracterização da turma

Género		Idade	
Rapazes	4	11 anos 03	13 anos 3
Raparigas	13	12 anos 10	14 anos 1

Tabela 8 – Contabilização dos alunos por género e idade.

A turma é constituída por dezassete alunos, quatro do sexo masculino e treze do sexo feminino, com idades compreendidas entre os onze e os catorze anos. Alguns alunos são irrequietos, conversadores, desatentos e desorganizados nas suas intervenções, o que prejudica o

normal funcionamento das aulas e conseqüentemente o processo de ensino-aprendizagem. A turma no global era assídua e pontual com exceção de duas alunas³¹.

5.1.1 Alunos com Necessidades Educativas Especiais

Na turma estão integradas duas alunas com dificuldades de aprendizagem:

- A primeira aluna, apresenta *dificuldades motoras*: Problema a nível da motricidade global e fina. A primeira consiste na dificuldade de movimentos corporais, como por ex: subir e descer escadas e a segunda é a dificuldade em controlar movimentos corporais pequenos, como por ex: pegar num lápis, apresentando também problemas de comunicação/linguagem.

- A segunda aluna, possui *currículo específico individual*, que é “ *A aprendizagem a desenvolver ... uma forte componente funcional, que visa sobretudo a aquisição de competências que possibilite uma vida mais autónoma possível e com a máxima integração familiar, social e profissional*”.³² Esta apresenta “cromossopatia” (cromossomas a mais). Ritmo de aprendizagem lento, esquece facilmente o que aprende. De acordo com a reavaliação psicológica a aluna apresenta deficiência grave ao nível das funções intelectuais.

Nesta turma está também integrada uma aluna de nacionalidade espanhola, que não domina a Língua Portuguesa, pelo que usufrui de um apoio especializado para a disciplina Língua Portuguesa, ao abrigo do Despacho Normativo nº 7 / 2006 (artigo 1º, ponto 2)³³.

5.2 Descrição das experiências letivas

Iniciei a minha PES neste ciclo no dia oito de Novembro de 2011, na turma o 7ºano na sala 2. Foi-me informado pelo docente desta, que era dividida em dois grupos, na qual um grupo estava em Música e o outro estava em Educação Tecnológica. No que concerne à minha classe, era composta por sete elementos (seis raparigas e um rapaz). Entrando na sala receosamente, em relação ao comportamento inadequado dos discentes, pois os mesmo faziam da sala um local de lazer. O professor começou por me apresentar no início da aula explicando à turma, que a partir

³¹ Retirado do PCT

³² Ministério da Educação e Ciência, portaria nº 275-A/2012 de 11 de setembro. Dre.pt/pdf1sdip/2012/09/17601/000020003.pdf, retirado no dia 20 de Abril de 2014.

³³ Retirado do PCT

daquele dia era eu que lecionava as aulas seguintes. Seguidamente o cooperante colocou discentes a tocar uma peça instrumental, pois segundo ele era a única forma de os ter atentos.

Para relembrar o tema, o cooperante pôs no quadro interativo os acordes necessários para tocar juntamente com letra da canção³⁴, para que os alunos pudessem ver melhor e relembrar. A segunda aula de observação não diferiu muito da aula anterior, seguindo o mesmo plano, visto que estavam a preparar a festa de Natal. Para finalizar a aula o professor afirmou que as aulas seguintes iriam ser lecionadas por mim. Em relação, às planificações o cooperante referiu que poderia ser livre nos temas escolhidos e que estes envolvessem atividades de carácter lúdico e chamativos, pois a turma não aderiu com facilidade aos temas propostos.

Nas aulas de observação, pude tirar algumas conclusões que era uma turma mal-educada, sem regras e sem disciplina. Com esta problemática, as estratégias e metodologias tiveram que ser muito bem estruturadas e pensadas, para tentar uma maior motivação e concentração. É de realçar a aluna com NEE, após estas aulas reparei que não seria necessário planear diferentes atividades, pois estava a acompanhar, com grande facilidade a restante turma. Após, algumas consultas em várias bibliografias, fui ao *Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais*, para tirar algumas ideias para as aulas, para me poder guiar de uma forma mais correta e metódica. Vou realçar alguns pontos, que me chamaram mais atenção e que utilizei nas aulas:

1. Experimentar diferentes tipos de instrumentos e culturais musicais;
2. Produzir e realizar espetáculos diversificados;
3. Contactar com o património artístico – musical.³⁵

No dia quinze de Novembro de 2011, cheguei à escola antecipadamente, para preparar a aula, o que me foi dificultado uma vez que anteriormente estavam a lecionar aulas na mesma. Como estratégia para chamar a atenção dos alunos iniciei a aula com música de fundo, enquanto eles entravam. Com o seguimento à aula, perguntei se conheciam a música como meio de interação com os alunos.

“Acho que sim, conheço”, “ já ouvi mas não sei quem canta”, nota de campo, 15 de Novembro de 2011).

Comecei por explicar, com uma breve contextualização, o que era o estilo Pop / Rock³⁶, perguntando-lhes também se sabiam o que era e do que se tratava. O Power – point desta da

³⁴ Ver anexo 13

³⁵ *Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais*, pág. 168

aula, tinha apenas informação, algumas imagens com poucos vídeos, porque não sabia bem de que forma iria abordá-los, pensei nesta estratégia, pois os alunos demonstravam pouco interesse e mau comportamento, pois achei que seria uma forma “juvenil” para chegar a eles, o que de facto se mostraram interessados, participativos e até bem comportados. A aula em si foi de troca de conhecimentos, entre todos, incluindo o cooperante. Depois perguntei aos alunos, o que queriam que trouxesse para a próxima aula, para de alguma forma os tentar cativar, pensei eu, eles responderam que podia trazer alguns vídeos do que estivemos a falar, nessa aula para verem mesmo o que estávamos a tratar, e deu-se por terminada. A próxima aula foi no dia dezoito de novembro de 2011, como dito anteriormente reproduzi vídeos, de alguns cantores e grupos mencionados na aula anterior, tais como:

Cantor / Grupo	Título	Referências cibernéticas
Michael Jackson	<i>Thriller</i>	https://www.youtube.com/watch?v=sOnqjkJTMaA
Beatles	<i>Let it Be</i>	https://www.youtube.com/watch?v=ajCYQL8ouqw
Rihana	<i>Umbrella</i>	https://www.youtube.com/watch?v=CvBfHwUxHIK
Chistina Aguilera	<i>Lady Marmalade</i>	https://www.youtube.com/watch?v=RQa7SvVCdZk
Bon Jovi	<i>It's My Life</i>	https://www.youtube.com/watch?v=vx2u5uUu3DE
Elton Jonh	<i>Can U Feel the Love Tonight</i>	https://www.youtube.com/watch?v=cM1Yz6rF73U
Elvis Presley	<i>My Way</i>	https://www.youtube.com/watch?v=2e3CFIHCe8M

Tabela 9: Escolha de alguns temas apresentado na aula

No fim desta aula, o professor pediu-me, visto que os alunos gostaram, que trouxesse este estilo mas em português para a festa de Natal. A minha escolha recaiu para duas canções, “Dunas”³⁷ de um grupo português “ G.N.R.”³⁸ e “Playback”³⁹ de Carlos Paião⁴⁰, utilizando as

³⁶ Termo denotando um conjunto de estilos musicais formados nos EUA e na Grã-Bretanha a partir da década de 50 do séc.xx(...). Na segunda metade do século, os estilos associados ao pop-rock tornaram-se predominantes na música popular(...), gerando apropriações estilísticas locais e a formação de novos estilos e géneros híbridos, maioritariamente urbanos. CIDRA, Rui, pag. 1035. CASTELO-BRANCO, Salwa. (2012)

³⁷ Ver anexo 14

³⁸ G.N.R (Grupo Novo Rock). Foi fundado no Porto, em 1979, por Vítor Rua (guitarra e baixo elétrico, composição). (...) Com a entrada de Rui Reininho e Jorge Romão, constituiu-se o núcleo do grupo, que contou ao longo da sua existência com a colaboração de diversos instrumentistas (...) perfilando-se entre os grupos que se destacaram no período do chamado *rock* português. (...) O ano de 1985 anunciou uma maior popularidade, que se concretizou na segunda metade da década de 80 e se estendeu à primeira metade da década seguinte.(...) Na sequência desse aumento de visibilidade, tornaram-se no primeiro grupo *pop-rock* português a esgotar a lotação do Coliseu dos Recreios de Lisboa, em dois concertos realizados no mês de Abr. 1987. (...) O repertório dos G.N.R é constituído por canções *pop-rock*, marcadas por traços estilísticos de diferentes períodos e intérpretes de música popular anglo-americana. CIDRA, Rui, pág. 568 a 570. CASTELO-BRANCO, Salwa. (2012)

³⁹ Ver anexo 15

⁴⁰ Carlos Paião, (n. Coimbra, 1Nov. 1957; m. Venda das Raparigas, 26 Ago. 1988). Compositor, intérprete e produtor. (...) foi em 1977 que se apresentou pela primeira vez em público, no Festival da Canção em Ílhavo, concorrendo com duas canções que alcançaram o primeiro e o terceiro lugares. Mas o seu primeiro grande sucesso ocorreu em 1981 quando ganhou o Festival RTP da Canção com *Playback*, representando Portugal no Festival Eurovisão em Dublin. A partir de então até à sua morte decorreu um

mesmas estratégias da aula anterior, uma vez que estas surtiram efeito nos discentes. Apresentei ao cooperante, e ele disse que a primeira era adequada à turma, sugerindo a alteração da letra devido ao estarmos na época natalícia, pois a outra era um pouco mais complicada, em termos de ritmo. Na seguinte aula, dei a conhecer aos alunos a minha escolha, sugerindo-lhes que em conjunto teríamos que fazer uma letra para o Natal. Na qual aceitaram o desafio proposto com algum agrado, dizendo-lhe também que eles teriam uma tarefa “importantíssima”, escolher uma canção para apresentar na festa, desta forma realcei a responsabilidade que teriam que ter na escolha da canção, pois estava a depositar um voto de confiança, os alunos aceitaram de imediato o desafio, começando logo a dar ideias. No fim da aula o trabalho em conjunto surtiu efeito, pois obtivemos a segunda canção, na qual a escolha recaiu para a canção “Natal em todo o lado”⁴¹, de um grupo português feminino Just Girls⁴².

["Dunas - Versão Natal"]

Natal,
Já está a chegar,
Junta-se a família, com alegria,
E prendas para partilhar.
A mesa está posta,
Com muita doçaria,
E o pinheiro está enfeitado,
Com luz e muita fantasia.

Imagem 6 - Canção Dunas / versão Natal

["Natal em todo o lado"]

Amor à minha volta
Eu sinto já no ar
Eu vejo nos sorrisos
eu tenho no olhar

Há cor em cada rua
Há musica a soar
É natal em todo o lado
Eu quero abraçar

Imagem 7 - Canção Natal em todo o lado

As aulas seguintes, foram baseadas nos ensaios, em conjunto com os alunos e cooperante. Notou-se uma grande melhoria de interesse, participação e empenho destes, estando mais ativos nas atividades. Não esquecendo que havia duas alunas que chegavam

período extremamente produtivo, preenchido por êxitos comerciais e participações em inúmeros festivais nacionais, espetáculos, programas televisivos e radiofónicos. (...) As suas composições são caracterizadas por sucessivos jogos de palavras e por um extremo sentido de humor, enfatizado pelo tipo de arranjos musicais. (...) O seu estilo musical inscreve-se no domínio da chamada «música ligeira» e destaca-se pela criatividade das suas melodias e pelo modo como articulava a instrumentação – um cruzamento de instrumentos eletrónicos com instrumentos «acústicos» - com a componente vocal e a poesia. (...) Alguns dos seus trabalhos tiveram mesmo uma aplicação didática, como é o caso do poema *O Senhor Extraterrestre*, cantado por A. Rodrigues, que foi incluído num dos manuais de português da antiga 4ª. classe. SARDO, Susana, pág. 960 a 961. CASTELO-BRANCO, Salwa (2012)

⁴¹ Ver anexo 16

⁴² Just Girls foi uma *girl group* portuguesa constituída por quatro jovens raparigas: Diana Monteiro, Ana Maria Velez, Helga Posser e Kiara Thimas. São, tal como os DZRT e os 4 Taste, uma colaboração actrizal que originou na Série *Morangos com Açúcar* (TVI), onde gravaram a 5ª e 6ª temporada. Retirado do web-site, http://pt.wikipedia.org/wiki/Just_Girls, acessido a 12 de Agosto.

constantemente atrasadas, ou até nem iam às aulas, este comportamento foi-se alterando ao longo da minha PES. Para estas aulas, achei necessário utilizar o sintetizador / órgão, como acompanhamento e como estratégia também, pois os alunos gostaram muito de ouvir e ver, dizendo alguns comentários:

“ Ei que fixe, a professora sabe tocar piano”, “ Ei eu gosto bué desse instrumento”, “ Vai trazer sempre, não vai?? É tão fixe” (nota de campo, 3 de Dezembro de 2011).

As aulas até à festa de Natal, foram de ensaios, em que pedi também aos alunos que trouxessem sempre o material necessário, as flautas, alguns cavaquinhos, o bombo e o triângulo, para podermos ensaiar sempre o instrumental com a voz em conjunto. A estratégia que arranjei, para estas aulas, nem sempre foram as mesmas, sendo as seguintes: como são poucos alunos, não dava muito resultado, dividir a turma, então fazíamos uma pequena introdução, comigo a acompanhar no órgão e o professor cooperante na viola, em que no intermédio entoávamos as melodias, com o respetivo instrumental, e no final fazíamos uma breve conclusão. Depois, dos ensaios o cooperante pediu-me a opinião se achava bem nós participarmos, na festa final de período, na qual eu respondi que não sabia, e que seria melhor perguntar-lhes se gostavam da ideia ou não.

No dia seis de dezembro de 2011, perguntei aos alunos, se queriam participar na festa de Natal, a resposta deles foi um pouco inquietante, pois nunca tinham feito nada parecido, devido ao comportamento. Eu incentivei-os a irem, dizendo que ia ser diferente, uma experiência nova e que provavelmente iriam gostar. Eles aceitaram o desafio, um pouco reticentes, mas fui sincera com eles, pois só tínhamos mais duas aulas para ensaiarem, e tinham que encarar bem este desafio. Os ensaios correram bem, os alunos estavam entusiasmados com o facto de irem atuar e mostrarem aos colegas o que trabalharam.

A festa foi no dia dezasseis de dezembro de 2011, mal cheguei à escola os alunos vieram ter comigo, nervosos e inquietos ao mesmo tempo, dizendo que não queriam pois tinham vergonha, que não sabiam as canções e as notas da flauta, dizendo tudo para não ir, eu tentei acalmá-los, encorajando-os e dizendo-lhes que para não se preocuparem que tudo iria correr bem. Comecei a tocar, a primeira peça, “ Dunas” e o cooperante entrou logo de seguida, tal como tínhamos planeado, só que eles estavam tão nervosos que não conseguiram entrar, então eu e o professor continuávamos a tocar a introdução, até que um deles entrou e de seguida os restantes, meios atrapalhados entraram, no meio deste nervosismo chegamos ao fim da peça, pois foi uma grande vitória, porque atuar em público pela primeira vez para estes alunos. Quando a peça acabou, e o eles ouvirem as palmas, demonstraram um alívio tremendo. Após a conclusão desta, passamos para a segunda peça, Natal em todo o lado, nesta peça os alunos estavam mais a soltos, correndo na perfeição. Alguns alunos, após ouvirem as palmas ficaram

emocionados. Fomos para a sala, dei-lhes os parabéns, eles começaram logo a dizer que não correu nada bem, que se enganaram muito e que só tinham feito figuras, e perguntaram-me o que eu tinha achado, eu apenas respondi que estava orgulhosa deles, pois pensei que nem iam à atuação, e foram, claro que não correu tudo bem, mas só o facto de terem ido e apresentar o que tínhamos trabalhado, tinha sido uma alegria / desafio para nós. O cooperante, também me deu os parabéns, pois disse que estava a fazer um trabalho excelente com estes alunos, que tinha conseguido fazer o que antes nunca ninguém tinha conseguido.

Iniciando o segundo período já com as aulas planeadas, optei por começar por explicar a música Pop / Rock em Portugal. No dia dez de janeiro de 2012, o tema foi exposto através do PowerPoint, como a devida informação e com os respetivos vídeos. Os alunos, estavam agradados com a aula, pois já conheciam mais desta matéria, e perguntaram logo se íamos tocar alguma canção, das que ouviram. Eu, respondi positivamente, que na próxima aula iria trazer esse material, mas só com uma condição, se eles me ajudassem a procurar os temas, os alunos aceitaram de imediato, adorando a ideia e começando logo a procurar. A pesquisa foi um pouco complicada, devido à diversificada escolha e gosto de temas, em que tanto eu como o cooperante tivemos que interagir, para ser uma escolha coesa, em que esta foi a seguinte: Cinderela de Carlos Paião⁴³; Chico Fininho⁴⁴ de Rui Veloso e três canções de carácter tradicional português, Malhão; Machadinha e Papagaio Loiro.

As seguintes aulas, resumiram-se à execução dos temas escolhidos, com os devidos instrumentos, tanto melódicos como de acompanhamento. A canção do Rui Veloso, atrás referida deu um bocado de trabalho, pois os alunos não estavam a perceber bem a métrica da canção juntamente com o ritmo, então tivemos que ensaiar por partes, primeiro o ritmo até estar interiorizado e para posteriormente introduzir a canção com a métrica. Depois, de estas estarem bem trabalhadas e interiorizadas, foi só juntar ambas as partes e fazer música, como pretendido logo de início. As restantes canções, não tiveram muita dificuldade por serem conhecidas, ensaiando logo a parte instrumental, porque a letra já sabiam. Estas aulas, foram muito boas, tanto a nível de aprendizagem como de convivência, pois os alunos não pareciam os mesmos, de quando entrei pela primeira vez na aula.

Chegamos ao último dia de aulas, três de fevereiro de 2012, como as aulas anteriores correram bem, decidi fazer um jogo didático de percussão corporal (sons do corpo), com eles para esta aula. O jogo chama-se “ Quadrado Mágico”, sendo apresentado da seguinte forma: eu explicava primeiro o jogo devagar, para que eles entendessem bem, devido ter um pouco de

⁴³ Ver anexo 17

⁴⁴ Ver anexo 18

dificuldade no início, depois eles imitavam devagar. Explico de seguida a ordem do jogo, primeiro: tem que se estar em silêncio, pois temos que ouvir bem os batimentos corporais. Como esta retratado no quadro em baixo, o jogo é feito por números, e cada número corresponde a seu batimento. A lógica deste jogo, é sentir o ritmo e o som, então começamos pelas palmas, juntando a cada batimento o seu membro terminando com o batimento no rabo.

1	•Só palmas;
3	•Palmas e ombros;
5	•Palmas, ombros e pernas;
7	•Palmas, ombros, pernas e pés;
9	•Palmas, ombros, pernas, pés e rabo.

1	3	5	7	9	3
3	1	9	3	7	5
5	9	7	1	3	1
7	7	5	9	1	3
9	5	1	3	7	9

Tabela 10 – Quadrado Mágico e descrição

Desta forma, depois de tudo explicado o jogo pode ser iniciado, em que os alunos tinham que decifrar a sequência que fiz, e quem acertasse faria ele a próxima sequência, e assim sucessivamente. Os alunos no início, tiveram um pouco de dificuldade na descoberta da sequência, mas ao entenderem o jogo, foi fácil de interiorizar, pedindo repetidamente a execução do jogo. Nesta última aula os alunos adoraram este jogo, dizendo também que gostaram muito das minhas aulas aliás, inclusive os meninos da outro grupo que também quiseram participar. O cooperante elogiou todo o meu esforço, pelas aulas e percurso com esta turma, pois foi muito boa e produtiva.

Assim, termino todo este ciclo, muito grata e mais instruída, a todos os níveis, principalmente em termos humanos, pois aprendi muito com os alunos porque passei. Pois, ser professor não é só ter os conhecimentos necessários para ensinar, mas também é importante ter o lado humano, para saber lidar com vários tipos de pessoas.

Considerações Finais

Após a conclusão deste trabalho, reconheço que, na minha perspectiva, as crianças com necessidades educativas especiais devem ser cuidadas de forma individual, uma vez que também devem poder usufruir de atividades musicais que favoreçam a sua inclusão. Neste sentido, foi através do recurso à musicoterapia que me inteirei, que através da livre expressão e do lado mais lúdico consegue-se uma forma de desinibição que contribuindo para uma maior sociabilização e novas aprendizagens.

A criança é acompanhada por sons que a rodeiam e estes sons estão presentes nas suas primeiras experiências. A atividade musical assume um papel de extrema importância pois apela a expressão, a emoção e conseqüentemente promove o desenvolvimento criativo. Uma das intervenções necessárias a realizar-se nas crianças com NEE é proporcionar-lhe vivências com o meio envolvente e a música dando-lhes a oportunidade de ouvir e explorar diferentes sons, cantar, dançar, tocar para que se situe e participe no mundo que a rodeia. A atividade musical apela a aprendizagem de se saber ouvir e escutar. Estes hábitos são cruciais para o desenvolvimento da memória, aprende, ainda, a discriminar sons, palavras, melodias e ritmos. Por seu turno, a música quando é ouvida ou praticada em conjunto faz com que as crianças aprendam a socializar umas com as outras, daí a importância da integração da criança na turma e realização das atividades em conjunto com a mesma. Também pode ser desenvolvida na criança, a memória auditiva através de atividades de memorização de sons que se acabaram de ouvir ou de sons que já foram ouvidos há algum tempo, em que para a estimulação da memória a longo prazo é importante apelar para a imitação de vários sons que a criança já conheça. A descoberta de ruídos e sons do meio que a rodeiam são atividades que promovem o desenvolvimento das suas capacidades auditivas, estas atividades referidas promovem a percepção e a memória auditiva bem como o raciocínio lógico favorecendo o desenvolvimento cognitivo das crianças.

A música é bastante utilizada na educação especial, com ela trabalha-se essencialmente ao nível da socialização, motor e constitui um suporte para facilitar as aprendizagens como por exemplo da leitura e escrita. Através da música, os alunos aprendem diferentes tipos de linguagem, seja ela uma expressão corporal, dramática, instrumental ou verbal. As atividades musicais nos alunos com NEE favorecem o desenvolvimento das suas habilidades tanto ao nível

sensorial, psico-emocional, cognitivo, social, bem como ético e espiritual. Na área cognitiva, a criança com NEE, pode melhorar a sua capacidade de atenção, observação, compreensão e concentração, contribuindo de forma positiva para o desenvolvimento da percepção e memória, melhora a linguagem, a vocalização e pronúncia, promovendo, ainda, a estimulação da criatividade, dando-lhe ao mesmo tempo oportunidade de expressão livre e prazer evitando bloqueios emocionais. Os dados obtidos e registados ao longo dos três ciclos de ensino, revelam que os objetivos traçados foram atingidos com sucesso. Não só foi notório o aumento do gosto pela aprendizagem da música como também, o incremento da motivação de todos os intervenientes no processo de ensino-aprendizagem. Seguindo a ideia de Medeiros (1997, pp. 89), citando Willems “ *fazer com que as crianças amem a música, e prepará-las para que realizem com alegria a prática musical, vocal e instrumental*”

Em forma de conclusão, posso afirmar que a utilização da musicoterapia me ajudou e delinear as aulas de educação musical, que incluíam alunos com Necessidades Educativas Especiais. Desta forma, todos os objetivos traçados ao longo da PES foram atingidos com sucesso.

BIBLIOGRAFIA

Albinati, M. E. C. B. (2000). *O repertório musical em Musicoterapia*. In: V Encontro Mineiro de Musicoterapia. Associação de Musicoterapia de Minas Gerais. Belo Horizonte.

Berge, André (1976), *a criança, hoje*. Lisboa, Moraes editores.

Brennam, W. K. (1990). “*El Currículo para Niños com Necesidades Especiales*”. Madrid: Siglo XXI.

Castelo-Branco, S., & Cidra, R. (2010). *Música popular*. In S. Castelo-Branco (ed), *Enciclopédia da Música em Portugal no Século XX*. Lisboa: Circulo de Leitores/Temas e Debates e Autores.

Colleir, B. (1990). *Uma introdução à comunicação Aumentativa*. Toronto. ISSAC Committee Framework;

Costa, C.S.M. & Vianna, M. N. S. (1982) *Musicoterapia – grupos de pacientes psiquiátricos internados por períodos breves*. J. Bras Psiq, 31

Correia, L.M. (1997). *Alunos com Necessidades Educativas Especiais na Classe Regular*. Porto: Porto Editora;

Hargreaves, D.J. North, A.C. & Tarrant, M. (2006). *The development of musical preference and taste in childhood and adolescence*, in G.E. McPherson (ed.), *The child as musician: Musical development from conceptio to adolescence*. Oxford: Oxford University Press;

Hargreaves, D.J.(1999) *Desenvolvimento musical e educação no mundo social* in *Revista CIPEM: Centro de Investigação em Psicologia da Música e Educação Musical: ESEP*;

Hargreaves, D.J. North, A.C.(1997) *The social psychology of music*, Oxford: Oxford University Press;

Lopes, J e Silva H. (2010) *O Professor faz a diferença*. Lidel – edições técnicas, Lda. Lisboa;

Gonçalves, F. (2010). *Os efeitos da Animação Artística. A Música como factor de inclusão dos alunos de Necessidades Educativas Especiais*. Bragança: IPB. Dissertação de Mestrado;

- Florian, L. (1998). *Inclusive practice: what, why and now?*. Routledge, London;
- Fonseca, Vítor (1984), *Uma Introdução às Dificuldades de Aprendizagem*. Lisboa: Ed. Notícias;
- Fosnot, T.C (1996) *Construtivismo e Educação*. Lisboa: Instituto Piaget;
- Merriam, A. P. (1964) *The anthropology of music*. Chicago: Northwestern University Press.
- Ministério da Educação (2001) *Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências essenciais*. Lisboa: Departamento de Educação Básica/Ministério de educação.
- Rodrigues, D. (2003). “*Perspectivas sobre inclusão da Educação à Sociedade*”. Coleção Educação. Porto: Porto Editora.
- Sabatella, P. (2008), *A inclusão dos alunos com necessidades educativas especiais na aula de educação musical: um diálogo entre a musicoterapia educativa e a educação musical* in *Revista*, nº 130 APEM: Associação Portuguesa de Educação Musical. Pp. 50 a 55
- Santos, V.G. (2013). *A dança como recuro e como fator de motivação na Educação Musical*. Bragança: IPB. Dissertação de Mestrado;
- Sousa, Alberto (1979). *A educação pelo movimento expressivo: movimento – música – drama*. Aveiro: Básica Editora.
- Olsson, B (1997), *The social psychology of music education*. . in D.J. Hargreaves & A.C. North, (eds.) *The social psychology of music*, Oxford: Oxford University Press;
- Nye R. (1985) in Gomes, Ana Paula & Simões, Alexandra. *A música e a criança com Distúrbios de Comunicação e Linguagem* (<http://repositório.esef.pt>) acedido a 8 de Março de 2014;
- Thayer Gaston, et. at outros (1968), *Tratado da Musicoterapia*. B. Aires, Ed. Paidós.
- Torres, R. M. (1998). *As canções tradicionais portuguesas no ensino da música – contribuição da metodologia de Zóltan Kodály*. Lisboa. Caminho Editora;
- Ruud, E. (1990). *Caminhos da Musicoterapia*. Editora Afiliada.

UNESCO (1994): *Declaração de Salamanca e Enquadramento da Acção na Área das Necessidades Educativas Especiais*. Instituto de Inovação Educacional (tradução da 1ª edição, Unesco), Lisboa;

Willems, Edgar (1979), *Las bases Psicológicas de la Educación Musical*. Barcelona, Paidós Studio;

Wuytack, Jos (1989) *Curso intensivo de Pedagogia Musical, I*. Porto: ESE Porto.

Wuytack, Jos (2005). *Curso de Pedagogia Musical – 2.º Grau*. Porto: Associação Wuytack de Pedagogia Musical.

Zillman, D. & Gan, S. (1997), *Musical taste in adolescenc*. in D.J. Hargreaves & A.C. North, (eds.) *The social psychology of music*, Oxford: Oxford University Press;

ARTIGOS:

Medeiros, Maria (1997). *Educação Sonora e Ensino Musical: Uma Proposta de Repertório para Crianças*. Tese de Mestrado, Campinas – SP, Universidade Estadual de Campinas – Instituto de Artes.

Legislação Portuguesa

Lei n.º46/86. *Lei de Bases do Sistema Educativo*. Diário da República – I Série, n.º237 – de 14 de Outubro de 1986, pp. 3067-3081;

WEB-GRAFIA

www.google.com;

<http://letras.mus.br/carlos-paiao/180337/>, acessido em 12 de janeiro de 2011;

<http://letras.mus.br/rui-veloso/66284/>, acessido em 12 de maio de 2011;

<http://letras.mus.br/carlos-paiao/67116/>, acessido em 12 de maio de 2011;

<http://letras.mus.br/temas-infantis/463823/>, acessido em 12 de maio de 2011;

<http://letras.mus.br/temas-infantis/830298/>, acessido em 12 de maio de 2011;

<https://www.google.com.br/search?q=imagem+do+centro+escola+de+macedo>, acessido a 10 de janeiro de 2011;

<https://maps.google.com.br/>, acessido a 10 de janeiro de 2011;

Anexos

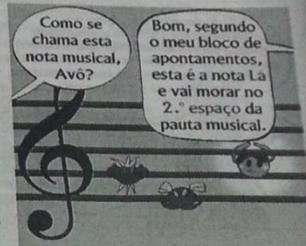
Anexo 1

11

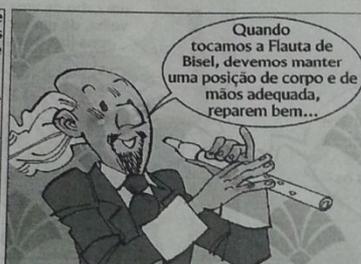
AS CEIFEIRAS

The image shows a musical score for the song "As Ceifeiras". On the left, there is a large diagram of a recorder with the note "DO" (C) indicated at the top. Below the recorder is a small musical staff with a single note on the C line. To the right of the recorder are four diagrams of guitar fretboards, labeled "E0", "A", "Bb", and "B", showing fingerings for different chords. A drawing of a wheat stalk is also present. The main part of the page is a musical score in treble clef, 4/4 time, with lyrics in Portuguese. The score consists of five staves of music. The first staff has a guitar chord diagram for C (DO) above it. The second staff has a guitar chord diagram for C (DO) above it. The third staff has guitar chord diagrams for G7 (SO7) and C (DO) above it. The fourth staff has guitar chord diagrams for C (DO), G7 (SO7), C (DO), and G7 (SO7) above it. The fifth staff has guitar chord diagrams for C (DO), G7 (SO7), and C (DO) above it. The lyrics are: "As ceifeiras vão ceifar o pão. Pe...tas tam...
pão, e con...tar. Lá vão. Há es...pi...gás e bri...
...tar No chão, Que do...pois é...pa...rão. Pe...to ca...lor
Foi...es na mão, É com ar...dor Que...las ceifam o pão. Só se sul...pão
Vão a...ca...bar O seu la...bor, E re...gras...tam ao...lar"

Nota Musical – Lá



A Flauta de Bisel



O Som das Notas é Magia



Escrevem-se na pauta,
Eu já as sei ler.
Tocá-las na flauta,
Eu quero aprender!

Seu som é magia
Que eu posso escutar!
É o som das notas
Que eu agora vou cantar/tocar.

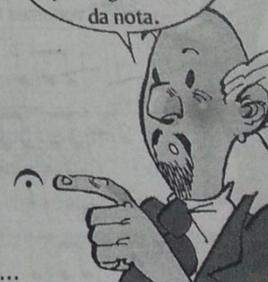
Sol-Sol-Sol-*z*,
Mi-Mi-Mi-*z*,
Lá-Lá-Lá-*z*,
Sol-Sol-Sol-*z*. } *bis*

^
Sol. (volta ao início e segue)

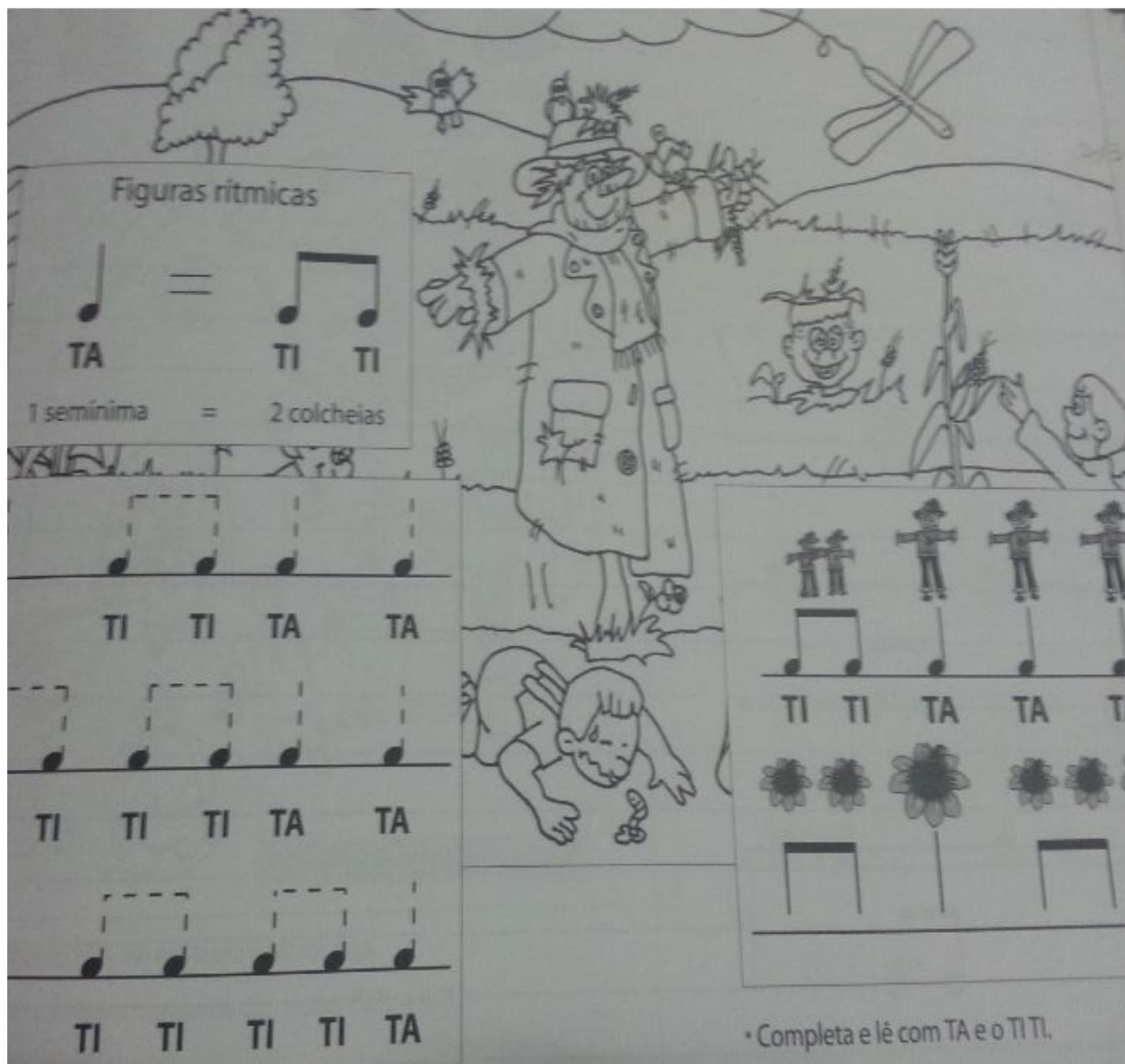
Coda:
É o som das notas
Que eu quero aprender a tocar...



Aqui está o sinal de suspensão. Ele indica que devemos prolongar o som da nota.



Anexo 3



Figuras ritmicas

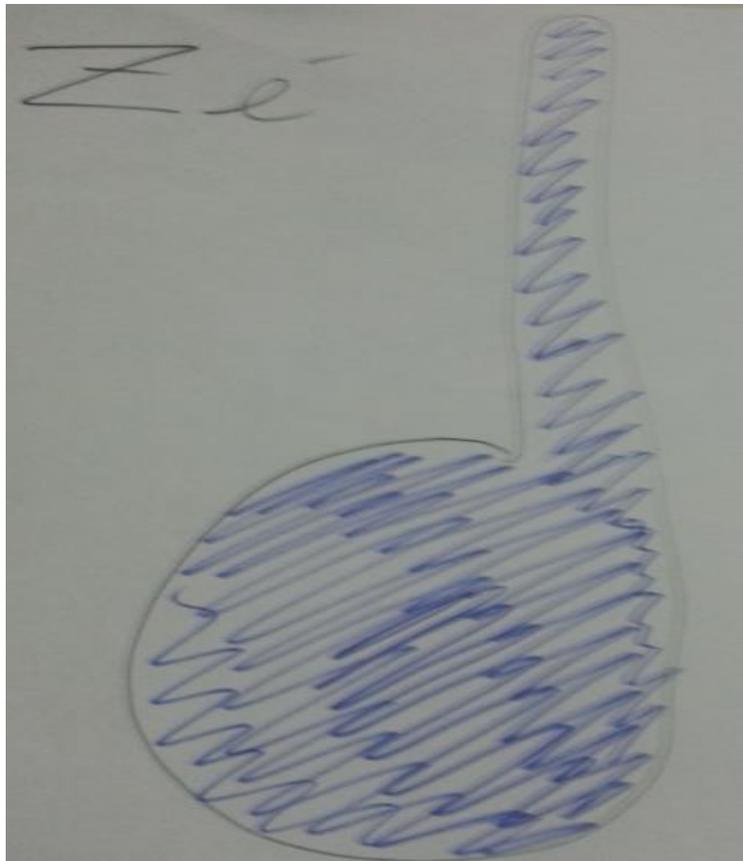
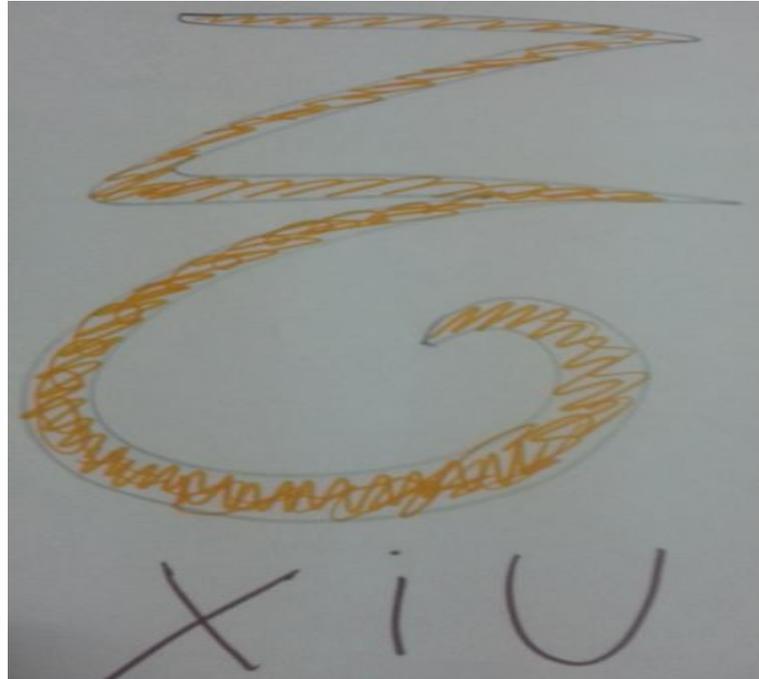
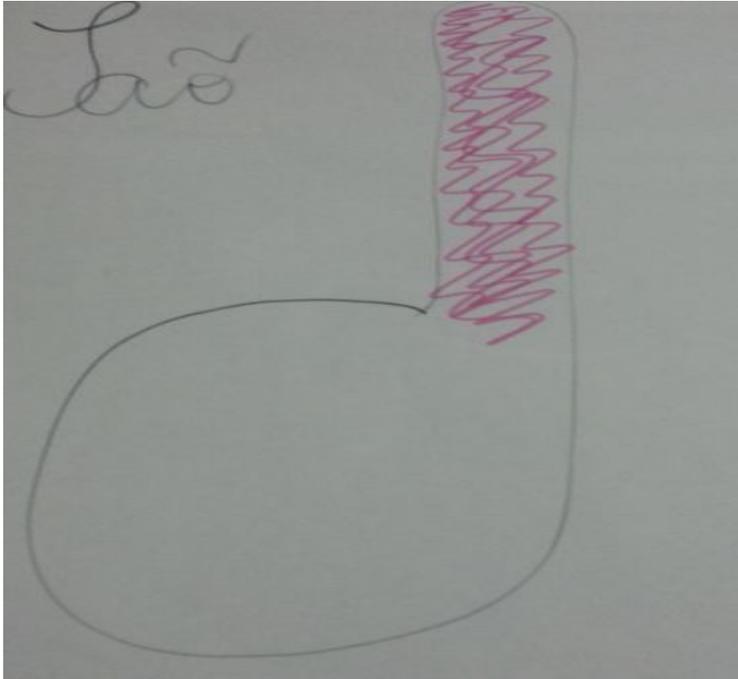
TA = TI TI
1 semínima = 2 colcheias

TI TI TA TA
TI TI TI TA TA
TI TI TI TI TA

TI TI TA TA TI
TI TI TA TA TI

• Completa e lê com TA e o TITI.

Anexo 4



Anexo 5

Era uma vez, o avô: TA-A-A-A que vivia no país da música, que tinha uma filha chamada por TA-A, que era muito bonita, tinha cabelos loiros e azuis muito brilhantes. Um dia esta decidiu ir dar um passeio pelo jardim das tonalidades, onde avistou um senhor muito esbelto. Passado uns dias, voltaram a encontrar-se no mesmo sitio, o senhor TA decidiu ir falar com a menina TA-A, dizendo-lhe:

TA- Olá! Posso conhecê-la?

TA.A.- muito envergonhada, respondeu que sim.

TA – Eu, sou o senhor Ta, e a menina?

TA.A – Eu sou a TA-A

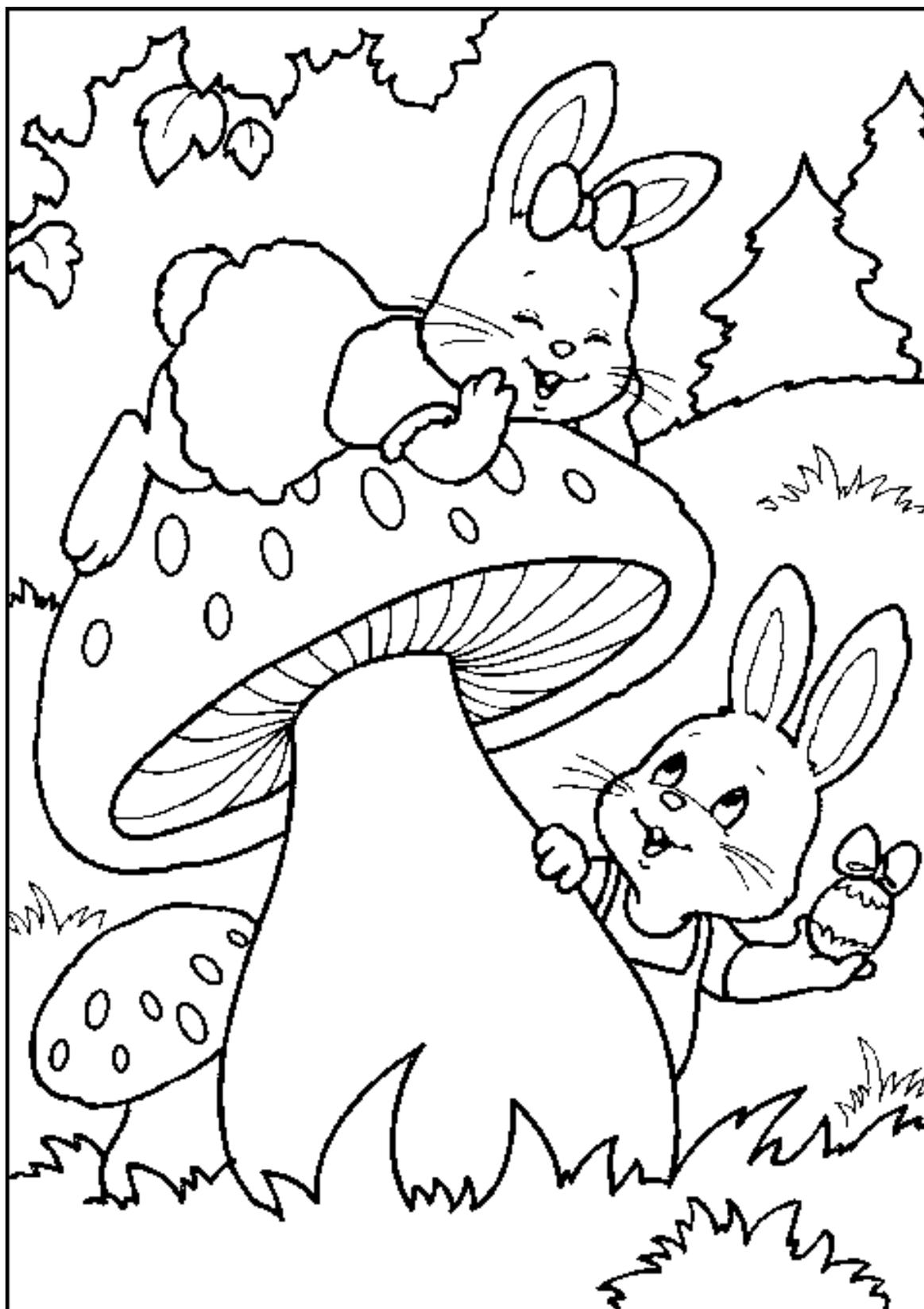
TA – Prazer em conhecê-la, quer vir dar um passeio comigo?

Após algum silêncio, a menina TA – A decidiu que sim. Depois de vários passeios, o senhor Ta pediu a menina TA-A em namoro, em que ela disse logo prontamente que sim, namoraram longos anos, decidindo casar e constituir família. A senhora TA-A teve dois filhos, chamados Ti –Ti. E acabou a história com todos felizes.

Anexo 6

Coelhinho da Páscoa,
Que trazes pra mim,
Um ovo, dois ovos, três ovos,
Assim. (2x)

Coelhinho da Páscoa,
Que cor ele tem,
Azul, amarelo, vermelho também, (2x)



Anexo 8

DIA DA MÃE

Não Há Mãe melhor que a minha
Sinto-a no coração
Por mais amigos que tenha
Ela está sempre à mão .

Levas-me sempre à escola
Fazes a minha comida
Reparas com atenção
Se tenho a roupa vestida.

Mesmo se estás cansada
Tens sempre tempo p'ra mim
São carinhos e beijinhos
Eu quero-te só p'ra mim



Não há, há , há ,
Mãe Melhor que a minha (bis , bis)

Música : "Não há estrelas no céu ... Rui Veloso

Anexo 9

Canção da água

Já fui água cristalina
Fui pura qual menina
Que tem límpido coração

Sou a maior preciosidade
Sacio a sede da humanidade
Sacio a sede da plantação.

Sou água cor de diamante
Ando por lugares distantes
em busca de redenção

E Meus braços insistentes
partem da minha nascente
Abraçando com ~~o~~ afeição.

Já fui rio abundante
Refresquei calor escaldante
Vertendo sem violação

Hoje sou fio de esperança
Implorando a cada criança
Que me dêem ~~uma~~ proteção

Se eu for assassinada
Nem jardins, nem revoadas,
Só cinzas de civilização

Urge que eu tenha respeito
P'ra correr límpida no leito
Para que bata meu coração

Anexo 10

LA LA LA | SI LA LA LA LA | SI LA LA LA LA | SI LA LA LA LA
SOL SOL SOL | LA SOL SOL SOL SOL

///

CHAMPANHE

RE RE RE RE RE | MI SOL SOL SOL SOL SOL | LA FAH FAH FAH FAH FAH
RE SOL SOL SOL | SOL SOL SOL

Nos vimos cantar os reis
Temos gosto nas Janeiras
Até alta madrugada
Os corações são fogueiras (Bis) RE LA FI

Champanhe, minha champanhe
Saltam as rolhas ao ar SOL
É justo que nos acompanhe LA
Haja alegria no ar. RE LA RE

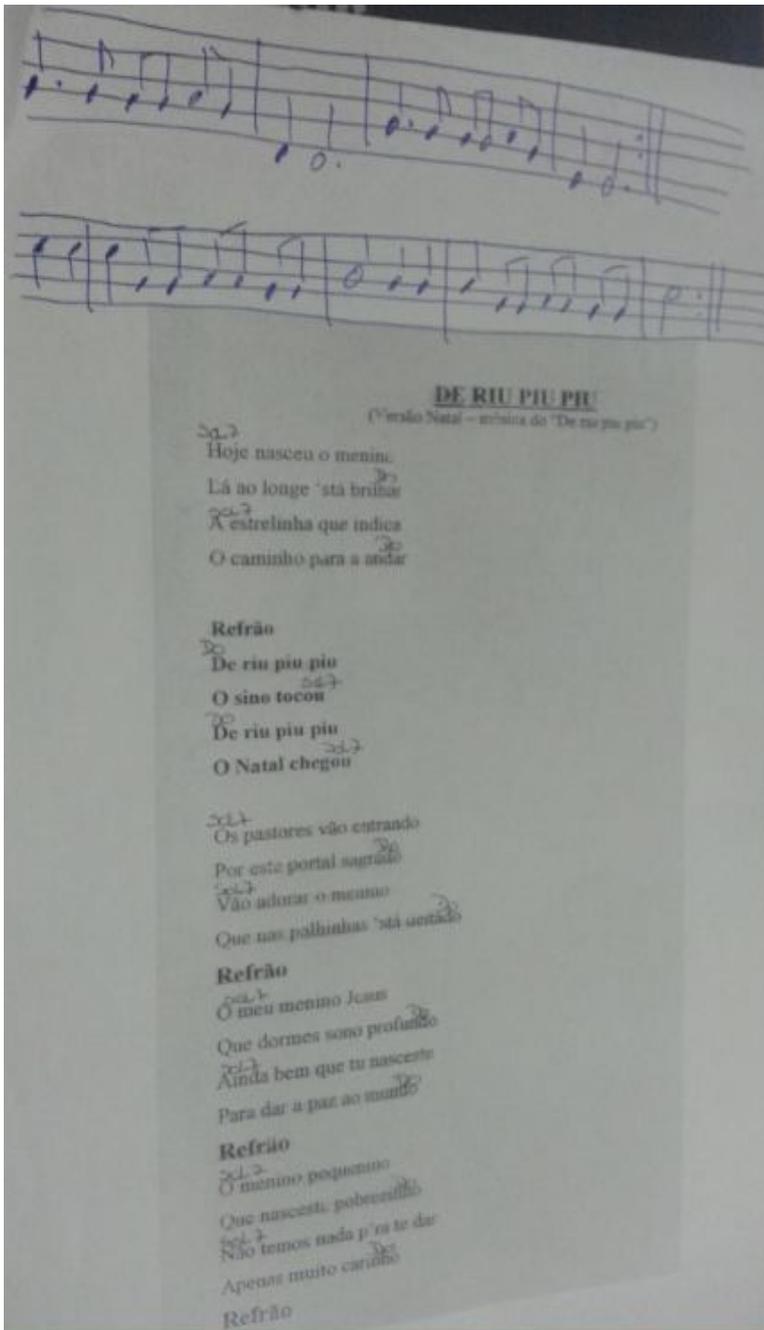
Neste cantinho agreste
S'ouve a voz do nosso povo SOL
Mensagens deste nordeste LA
São alma de um país novo (Bis) RE LA RE

Renascer de tradição
Janeiras eu sei compor SOL
Mando cá de Trás-os-Montes LA
Abraços com muito amor (Bis) RE LA RE

Já vamos de despedida
P'ró ano vimos de novo SOL
Que é assim a nossa vida LA
E alegre se quer o povo (Bis) RE LA RE

LA | LA SOL FAH MI | RE RE LA | LA SOL FAH FAH SOL
SOL | SOL SOL FAH MI RE | MI MI SOL | SOL FAH MI SOL | FAH
FAH | MI MI MI MI | RE

Anexo 11



DE RIU PIU PIU
(Versão Natal - música do "De riu piu piu")

Hoje nasceu o menino,
Lá no longe 'sta brilhar
A estrelinha que indica
O caminho para a andar

Refrão
De riu piu piu
O sino tocou
De riu piu piu
O Natal chegou

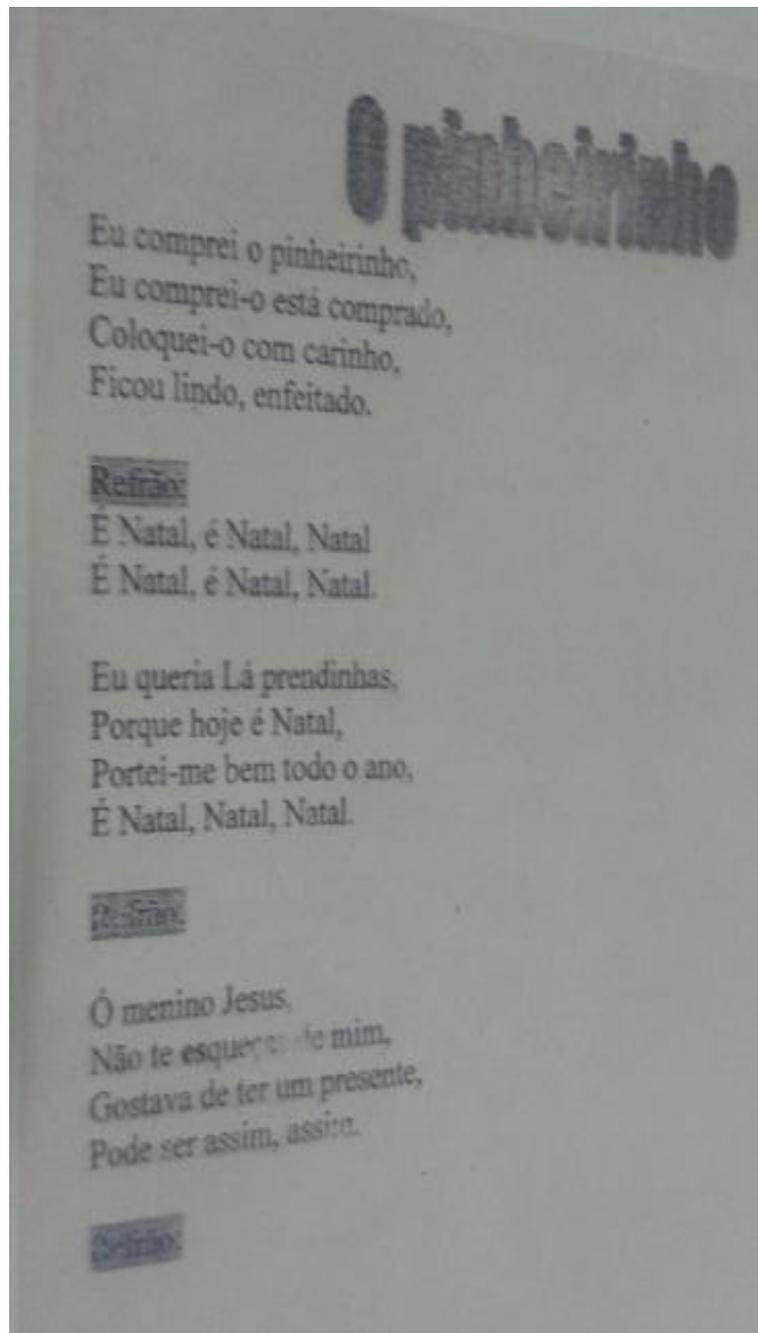
Os pastores vão entrando
Por este portal sagrado
Vão adorar o menino
Que nas palhas 'stá uetado

Refrão
O meu menino Jesus
Que dormes sono profundo
Ainda bem que tu nasceste
Para dar a paz ao mundo

Refrão
O menino pequenino
Que nasceste, pobrecinho
Não temos nada p'ra te dar
Apenas muito carinho

Refrão

Anexo 11



Anexo 12

Hine ma tov

Mel. trad. Israel

1
Hi-ne ma tov u-ma-na-yim, She-vet a-chim gam ya-chad. ya-chad.

2
Hi-ne ma-tov She-vet a-chim gam ya-chad. ya-chad.

Português:
É bom vivermos unidos,
como uma só família.
Todos juntos
podemos ir mais longe.

Kookaburra

Mel. trad. Austrália

1
Koo-ka-bur-ra sits on the old gum tree.

2
Mer-ry, mer-ry king of the bush is he.

3
Laugh, Koo-ka-bur-ra, Laugh, Koo-ka-bur-ra,

4
Gay your life must be.

Malhão Malhão

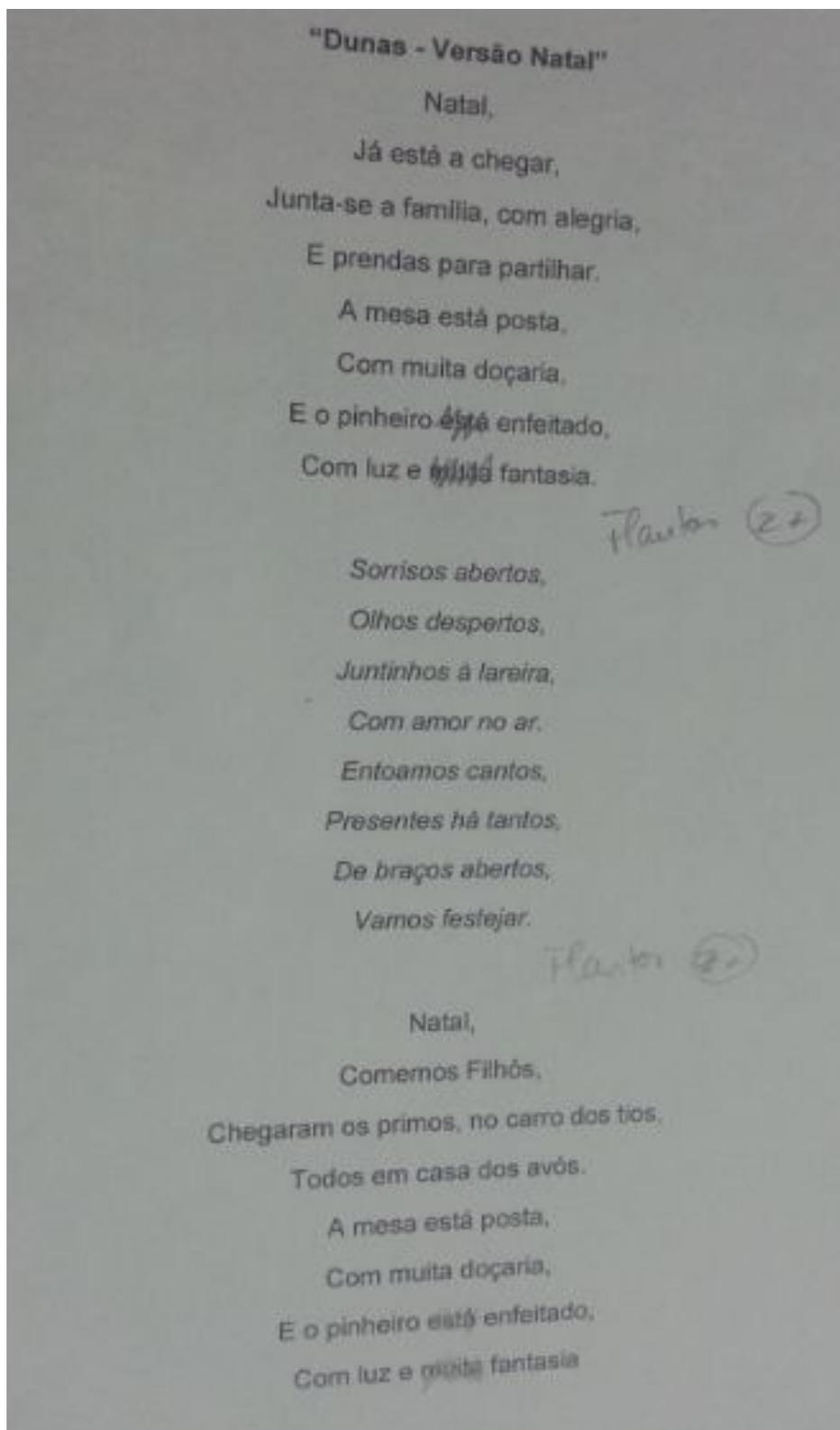
O Malhão, Malhão
Que vida é a tua?
Comer e beber, ai tirim-tim-tim
Passear na rua!

O Malhão, Malhão
Quem te deu as meias?
Foi o caixeirinho, ai tirim-tim-tim
Das pernas feias!

O Malhão, Malhão
Quem te deu as botas?
Foi o caixeirinho, ai tirim-tim-tim
Das perninhas tortas!

O Malhão, Malhão
O Margaridinha!
Eras do teu pai, ai tirim-tim-tim
Mas agora és minha!

Anexo 14



Anexo 15

Playback

Podes não saber cantar,
Nem sequer assobiar
Com certeza que não vais desafinar
Em play-back, em play back, em play-back!

Só precisas de acertar,
Não tem nada que enganar,
E, assim mesmo, sem cantar vais encantar
Em play-back, em play back, em play-back!

Põe o microfone à frente,
Muito disfarçadamente,
Vai sorrindo, que é pra gente
Lá presente
Não notar!...

Em play-back tu és alguém
Mesmo afónico cantas bem...
Em play-back,
A fazer play-back
E viva o play-back
Hás-de sempre cantar
em play-back, respirar pra quê?
Quem não sabe também não vê...
Em play-back,
A fazer play-back
E viva o play-back
Dá pra toda uma soirée!...

Podes não saber cantar,
Nem sequer assobiar
Com certeza que não vais desafinar
Em play-back, em play back, em play-back!

Só precisas de acertar,
Não tem nada que enganar,
E, assim mesmo, sem cantar vais encantar
Em play-back, em play back, em play-back!

Abre a boca, fecha a boca
Não te enganes, não te enganes,
Vais ter uma apoteose,
Põe-te em pose
Pra agradecer!...
Em play-back é que tu és bom,
A cantar, sem fugir do tom...
Em play-back

A fazer play-back
E viva o play-back
Hás-de sempre cantar
com play-back até pedem bis:
Mas decerto, dirás feliz...
Em play-back
A fazer play-back
E viva o play-back
Agradece e sorris!

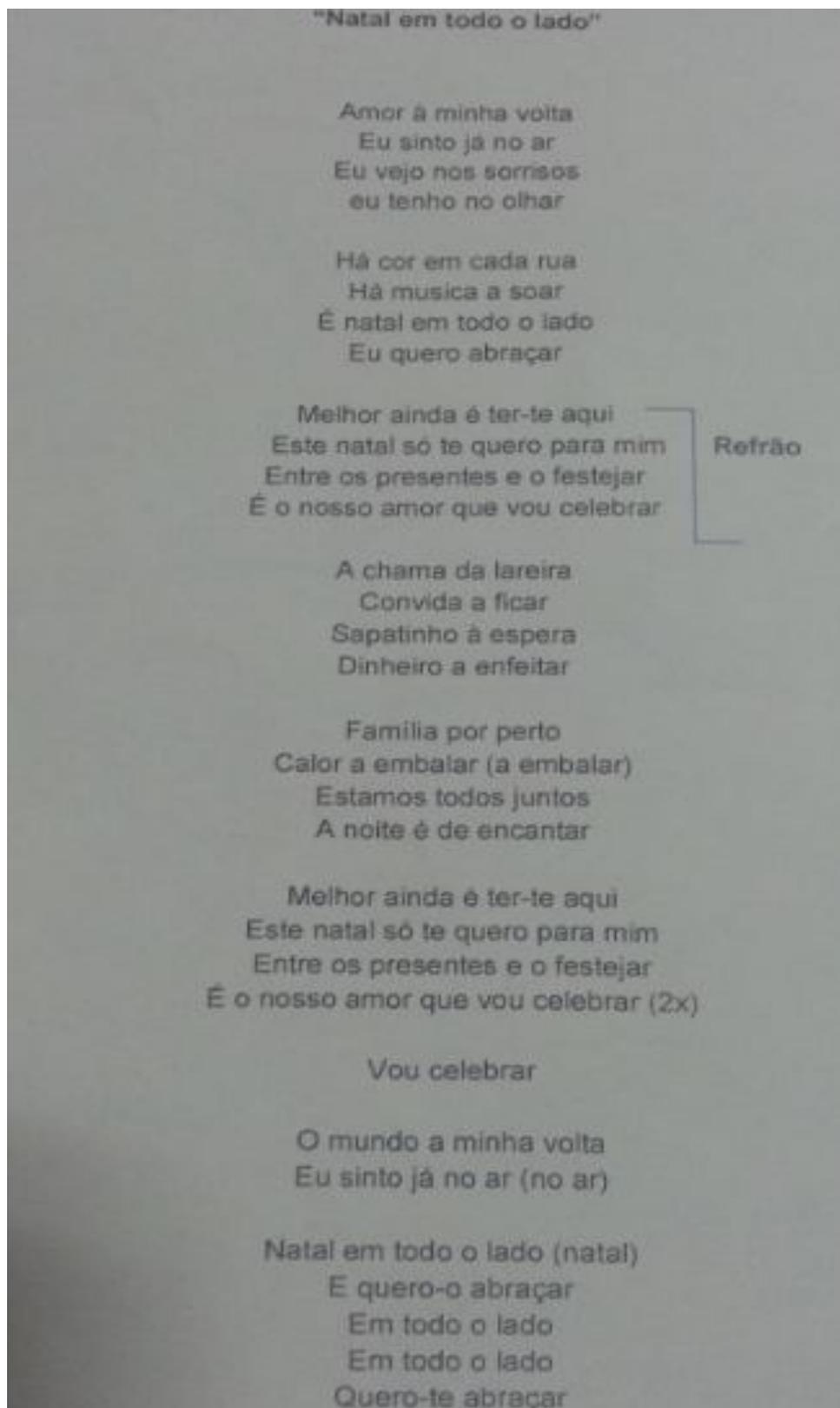
Podes não saber cantar,
Nem sequer assobiar
Com certeza que não vais desafinar
Em play-back, em play back, em play-back!

Só precisas de acertar,
Não tem nada que enganar,
E, assim mesmo, sem cantar vais encantar
Em play-back, em play back, em play-back!

Em play-back, em play back, em play-back!

Em play-back, em play back, em play-back!

Anexo 16



Anexo 17

Cinderela

Eles são duas crianças a viver esperanças, a saber sorrir.
Ela tem cabelos louros, ele tem tesouros para repartir.
Numa outra brincadeira passam mesmo à beira, sempre sem falar.
Uns olhares envergonhados e são namorados sem ninguém pensar.

Foram juntos outro dia, como por magia, no autocarro, em pé.
Ele lá lhe disse, a medo: "O meu nome é Pedro e o teu qual é?"
Ela corou um pouquinho e respondeu baixinho: "Sou a Cinderela".
Quando a noite o envolveu ele adormeceu e sonhou com ela...

Então,
Bate, bate coração!
Louco, louco de ilusão!
A idade assim não tem valor.
Crescer,
Vai dar tempo pra aprender,
Vai dar jeito pra viver
O teu primeiro amor.

Cinderela das histórias, a avivar memórias, a deixar mistério.
Já o fez andar na lua, no meio da rua e a chover a sério.
Ela, quando lá o viu, encharcado e frio, quase o abraçou.
Com a cara assim molhada, ninguém deu por nada, ele até chorou...

Então,
Bate, bate coração!
Louco, louco de ilusão!
A idade assim não tem valor.
Crescer,
Vai dar tempo pra aprender,
Vai dar jeito pra viver
O teu primeiro amor.

E agora, nos recreios, dão os seus passeios, fazem muitos planos.
E dividem a merenda, tal como uma prenda que se dá nos anos.
E, num desses bons momentos, houve sentimentos a falar por si.
Ele pegou na mão dela: "Sabes Cinderela, eu gosto de ti..."

Anexo 18

Chico Fininho

Gingando pela rua
Ao som do Lou Reed
Sempre na sua
Sempre cheio de speed
Segue o seu caminho
Com merda na algibeira
O Chico Fininho
O freak da cantareira

Chico fininho
Uuuuuuh (x4)

Aos sss pela rua acima
Depois de mais um shoot nas retretes
Curtindo uma trip de heroína
Sapato bicudo e joanetes

A noite vem já e mal atina
Ele é o maior da cantadeira
Patchuli borbulhas e brilhantina
Cólica escorbuto e caganeira

Chico fininho
Uuuuuuh (x4)

Sempre a domar a cena
Fareja a Judite em cada esquina
A vida só tem um problema
O ácido com muita estricnina

Da cantareira baixa
Da baixa cantareira
Conhece os flipados
Todos de gingeira

Chico fininho
Uuuuuuh (x4)

Anexo 19

Machadinha

- Ah! Ah! Ah! Minha Machadinha!
Ah! Ah! Ah! Minha Machadinha!
Quem te pos a mão, sabendo que és minha ?
Quem te pos a mão, sabendo que és minha ?

- Se tu és minha, eu também sou tua.
Se tu és minha, eu também sou tua.
- Pula, Machadinha, para o meio da rua.
Pula, Machadinha, para o meio da rua.

No meio da rua, não hei de ficar.
No meio da rua não hei de ficar.
- Pula, Machadinha, para o seu lugar.
Pula, machadinha, para o seu lugar.

Falando:

Esta é a rosa,
Este é o portão,
Esta é a chave
Do meu coração.

Papagaio Loiro

Papagaio loiro do bico dourado,
Mande essa cartinha para o meu namorado.
Se estiver dormindo bata na porta,
Se estiver acordado deixa recado.